

Kássia Mariano de Souza

TERMINOLOGIA EM LÍNGUA DE SINAIS:
perspectivas teóricas e práticas na elaboração de um glossário
de sinais-termos da indústria automobilística



CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Antonio Almeida

Coordenação da Editora Kelps

Waldeci Barros

Leandro Almeida

Conselho Editorial

Prof. Dr. Angel Marcos Dios (Universidad Salamanca - Espanha)

Prof. Dr. Antonio Donizeti Cruz (UNIOESTE, PR)

Profa. Dra. Bertha Roja Lopez (Universidade Nacional do Peru)

Profa. Dra. Berta Leni Costa Cardoso (UNEB)

Escritor Brasigóis Felício (AGL)

Prof. Dr. Divino José Pinto (PUC Goiás)

Profa. Dra. Catherine Dumas (Sorbonne Paris 3)

Prof. Dr. Francisco Itami Campos (UniEVANGÉLICA e AGL)

Prof. Dr. Iêdo Oliveira (UFPE)

Profa. Dra. Ivonete Coutinho (Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado (PUC Goiás)

Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC Goiás e AGL)

Profa. Dra. Maria Isabel do Amaral Antunes Vaz Ponce de Leão (Universidade Fernando Pessoa - PT)

Escritora Sandra Rosa (AGNL)

Profa. Dra. Simone Gorete Machado (USP)

Escritor Ubirajara Galli (AGL)

Escritor revisor

Prof. Me. Antônio C. M. Lopes

Kássia Mariano de Souza

TERMINOLOGIA EM LÍNGUA DE SINAIS:
perspectivas teóricas e práticas na elaboração de um
glossário de sinais-termos da indústria automobilística

1ª edição

Goiânia - Goiás
Kelps, 2022

Copyright © 2022 by Kássia Mariano de Souza

Editora Kelps

Rua 19 nº 100 - St. Marechal Rondon
CEP: 74.560-460 - Goiânia-GO
Fone: (62) 3211-1616
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

Comissão Técnica

Revisão: Carol Pessoni
Projeto gráfico: Franco Jr.
Capa: Pedro Henrique

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte
Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região) 3294

S729 Souza, Kássia Mariano.
Terminologia em língua de sinais: perspectiva teóricas e práticas na elaboração de um glossário de sinais-termos da automobilística. / Kássia Mariano Souza. – Goiânia: Kelps, 2022.
156 p.
ISBN: 978-65-5370-209-7
1. Libras. 2. Linguagem. 3. Terminologia. 4. Indústria automobilística. I. Título.
CDU 801

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade da autora.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

À Ester, minha estrela.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	12
1. RECORTES TEÓRICOS	16
1.1 Língua, Linguagens, Léxico e Cultura: uma abordagem preliminar.....	16
1.2 As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia	19
1.3 Libras e Terminologia.....	25
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS	33
2.1 Abordagem da pesquisa	33
2.2 Coleta de dados	36
2.3 Participantes	38
2.4 Apresentação dos dados.....	48
3. GLOSSÁRIO	50
3.1 Definição de glossário	50
3.2 Macro e microestrutura.....	51
3.3 Glossário de sinais-termos utilizados em uma empresa do ramo automobilístico de Catalão-GO.....	55
4. ANÁLISES	134
4.1 Iconicidade x arbitrariedade.....	134
4.2 Análise da motivação e não-motivação dos sinais-termos	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	151

APRESENTAÇÃO

No ideário de uma sociedade cada vez mais igualitária, despontam os estudos acerca da Língua Brasileira de Sinais (Libras), nas mais diversas perspectivas. Nesse ínterim, situa-se o presente trabalho, voltado para a descrição e análise de sinais-termos do setor automobilístico de Catalão-GO, os quais possivelmente replicam-se em outras indústrias do ramo ou de áreas afins espalhadas pelo solo brasileiro devido à sua arbitrariedade em relação ao(s) objeto(s) e às atividades por eles designadas. Para além da importância do registro dos sinais-termos apresentado nesta obra, o seu impacto social e sua abrangência podem ser exponencialmente maiores considerado o argumento supradito.

Os termos de uma área científica ou tecnológica são o que a singularizam, sendo a inserção e atuação profissionais nesta condicionadas à apropriação da sua terminologia, o que somente se dá a partir da sua compreensão e uso efetivos nas mais variadas e complexas situações enunciativas no universo do trabalho. As interações no ambiente do trabalho requerem, portanto, o conhecimento desta terminologia, de modo a se evitem ambiguidades ou mal-entendidos, nas situações menos graves. É esse o fim máximo de uma terminologia qualquer: a (talvez pretensa!) univocidade léxico-semântica nos discursos entre pares, em que se mostrar alheio ao repertório terminológico de um campo científico ou tecnológico pode ser entendido como inaptidão naquela esfera profissional.

Os já há muito debatidos jargões profissionais assumem, então, papel crucial na atuação de quaisquer profissionais, porque não são meros *rótulos* que subjazem a ferramentas e atividades, mas sim o resultado de um processo de categorização e, portanto, de cognição do universo referencial, como bem ressalta Biderman¹ (2006, p. 35): “A atividade de nomear resulta do processo de categorização. Por sua vez, a categorização

¹ BIDERMAN, Maria Tereza. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 58, n. 2, p. 35-37, 2006.

fundamenta-se na capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do homem”. Nisso reside o ponto fulcral da formação do léxico geral e especializado das línguas naturais, sendo que, em termos gerais, a terminologia lança mão de unidades lexicais já existentes no arcabouço lexical geral, atribuindo-lhes nuances semânticas e funcionais especializadas, cristalizadas em discursos daquela área de especialidade.

O conjunto terminológico de uma área profissional ou científica, conquanto posua contornos definidos e certamente delimitáveis, não é fixo ou rígido, mas tende a atualizar-se nas situações de uso concretas, o que pode demandar a reconfiguração ou reajuste conceitual e/ou formal para atender às necessidades funcionais, nos processos enunciativos diversos. O que se vê, no glossário que se constitui como o principal produto desta obra, são termos elaborados pelos funcionários surdos em sua lida diária no campo profissional, como modo de apropriação da função desempenhada, haja vista que a nomeação é uma das formas de apropriar-se do mundo à sua volta. Nesse aspecto, a coleta, registro e descrição dos sinais-termos proporcionam a solidificação desta terminologia, tornando possível que os funcionários não-surdos do ramo a (re)conheçam e dela se utilizem para melhor interação com os funcionários surdos da indústria.

Não é exagero salientar que a acessibilidade linguística é, quiçá, o mais importante fator de inclusão social, no seu espectro mais amplo, porquanto viabiliza as interações sociais no interior da comunidade surda e também fora dela, tendo sido esse o escopo principal de tão primorosa obra, em que a autora realizou esmerada pesquisa de campo para coleta dos sinais-termos e de suas definições. Facultar aos industriários surdos maior acessibilidade, seja nos contatos diários com seus colegas de trabalho, seja junto aos seus superiores, é também fortalecer a luta por melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, por ascensão social. É preciso conceder-lhes condições de circular por diversos setores da indústria com relativa autonomia, especialmente naqueles que se incumbem de aspectos como férias, promoções, aumentos salariais etc.

Nesse sentido, a divulgação do glossário disponível ao final da obra há de ser um primeiro passo para que o público referido conquiste a almejada acessibilidade, considerando-se que o setor automobilístico é o que mais emprega surdos na indústria catalana. Os verbetes contêm a entrada, categoria gramatical e definição em língua portuguesa, seguidas pelo sinal-termo e a descrição do sinal, assim como pelo registro das suas variantes, igualmente descritas, em Libras, finalizando com uma ilustração.

Após a apresentação do glossário, consta a análise dos sinais-termos quanto à sua arbitrariedade ou iconicidade, buscando-se verificar o processo de nomeação mais frequentemente utilizado pelos funcionários surdos no seu ambiente de trabalho. Assim,

é possível notar como subjazem ao signo linguístico aspectos cognitivos de apreensão e categorização do universo referencial pelo prisma do nomeador. Para Barbosa² (2004, p. 57), a percepção humana sobre a realidade é o primeiro percurso rumo à conceptualização, em que se opera uma seleção dos aspectos que constituirão o conceito, a partir da formação de um modelo mental dos “traços semânticos conceptuais”, que consolidarão o processo de conceptualização. O estágio final da terminologização se daria com a conversão do conceito em uma *grandeza-signo* ou, em outras palavras, em um termo, mediante a simbiose entre forma/expressão e conteúdo ou significante e significado, conforme a orientação teórico-metodológica adotada. A denominação e o conceito constituem, portanto, a um só tempo, o termo.

Mostrou-se, portanto, significativamente preponderante a iconicidade dos sinais-termos, revelando propriedades físicas e/ou utilitárias das ferramentas designadas, o que certamente também visou a uma maior interação e integração com os funcionários não-surdos da empresa, que poderiam compreender o referente mais facilmente pela sinalização icônica feita pelo funcionário surdo. Nesse caso, a autora efetua uma detalhada análise das propriedades icônicas dos sinais-termos coletados durante a pesquisa de campo.

Há que se realçar a relevância do trabalho de campo realizado, muito embora a indústria responsável pela contratação da maioria dos surdos da região não tenha permitido a realização da pesquisa *in loco*. Apesar disso, a autora não envidou esforços para cumprir os objetivos propostos inicialmente e contactou individualmente os industriários surdos, o que viabilizou a coleta de dados a contento. Esta mudança metodológica resultou em outros ganhos para a pesquisa, como o fato de os participantes poderem se expressar mais abertamente, sem receio de sanções da empresa, sobre a sua atuação na empresa, sobre como se davam suas interações linguísticas com seus pares ouvintes no ambiente profissional e se havia alguma iniciativa por parte da empresa para favorecer a sua acessibilidade linguística no local de trabalho.

Não se pode deixar de reconhecer, ainda, o esforço da autora em mergulhar no ramo da indústria automobilística, em um primeiro momento, no intuito de elaborar um instrumento de pesquisa legítimo e eficaz, com imagens de ferramentas, etapas de produção e processos, que pudessem ser reconhecidos e conceptualizados pelos participantes da pesquisa e, em uma etapa posterior, para compreender melhor as definições e descrições realizadas por eles. Assim, as equivalências entre a Libras e a Língua Portuguesa somente foram devidamente estabelecidas, porque ela preparou um instru-

² BARBOSA, Maria Aparecida. Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 4, n. 1, p. 55-86, 2004.

mento contendo nomes e imagens de procedimentos, máquinas e utensílios que supôs pertencerem ao seu ambiente de trabalho.

Ademais, para o êxito da pesquisa, fez-se necessário conquistar a confiança dos participantes, que demonstraram um domínio precário da Língua Portuguesa, idioma em que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) fora redigido e, por isso, ficaram receosos de assiná-lo, inclusive colocando o número de RG ou CPF, mesmo após a tradução feita pela pesquisadora. Nessa etapa, contou com a colaboração de familiares e amigos, que certificavam os participantes quanto ao conteúdo do termo. O comprometimento da autora com os aspectos éticos que envolvem as pesquisas com seres humanos, resguardando-os quanto ao sigilo e confidencialidade das informações pessoais, demonstram todo o seu zelo e respeito por aqueles que motivaram e tornaram possível a pesquisa.

A descrição e registro do léxico especializado do ramo da indústria automotiva não de somar-se ao acervo terminográfico da Libras, que embora já alcance diversas esferas da vida social, cultural, científica e tecnológica, ainda é incipiente e requer constantes revisões e aprimoramentos, não distintamente do repertório terminográfico das línguas orais, nas quais avulta a mesma dinamicidade.

Importa mencionar, ainda, que a autora faz uma crítica à exclusão linguística vivenciada pelos participantes da pesquisa diariamente no seu ambiente de trabalho e por eles relatada durante as entrevistas. Isso revela que a legislação brasileira é insuficiente para garantir aos surdos a sua devida inserção social e que pesquisas como esta são cada vez mais necessárias para motivar tomadas de decisão capazes de modificar o cenário desmotivador por eles descrito.

A obra, desse modo, incita a reflexões sobre a legislação que prevê um percentual de funcionários com deficiência em grandes empresas ou indústrias, o que estimula a contratação destas pessoas, em especial dos surdos, por não exigirem adaptações significativas no espaço físico, por exemplo. Todavia, não há uma contrapartida, por parte da empresa contratante, a essa mão de obra significativa, em termos de ajustamentos de condutas e de acessibilidade linguística a esses funcionários surdos.

Além disso, constitui uma relevante referência aos estudos no âmbito interdisciplinar da Libras e Terminologia, apontando alguns resultados de pesquisas que transitam por esse espaço dialético tão promissor. A gama de materiais terminográficos disponíveis online, como glossários e vocabulários em Libras dos mais variados campos científicos ou tecnológicos, tem por finalidade proporcionar a inclusão dos surdos, possibilitando-lhes uma formação mais ampla, inclusive acadêmica, e a sua inserção profissional no âmbito que melhor lhe apetece.

Acredita-se que o glossário aqui disponibilizado seja capaz de minorar as barreiras de comunicação entre funcionários surdos e não-surdos em indústrias do setor automobilístico, destinando-se a ambos, rumo à promoção de uma verdadeira equidade social. Constitui-se também como um retorno social da pesquisa aos seus participantes, que a tornaram possível. De maneira similar, espera-se que o trabalho em pauta seja capaz de suscitar outras pesquisas de perspectiva semelhante, ampliando-se os instrumentos lexicográficos voltados para o registro da Libras em uso, na língua comum e nos mais variados campos especializados.

Ante o exposto, convido a todos para que conheçam essa obra que converge os campos da Libras e da Terminologia de maneira primorosa e contribui para uma sociedade mais inclusiva e igualitária, em que a acessibilidade ultrapasse os termos da legislação, alcançando as vivências e necessidades diárias da comunidade surda.

Vanessa Regina Duarte Xavier

INTRODUÇÃO

O objeto do estudo que realizamos é o léxico especializado do setor automobilístico em Libras (Língua Brasileira de Sinais), isto é, os termos que são empregados nesse setor, materializados em forma de sinais. Sabemos que cada área do conhecimento possui termos técnico-científicos e o modo como estes são constituídos e utilizados pelas pessoas surdas é o que procuramos investigar.

Sentimo-nos motivados a adentrar nesse universo automobilístico após observarmos o considerável número de pessoas surdas que atuam nas diversas indústrias deste setor na cidade de Catalão-GO. Nosso propósito é investigar a língua especializada das pessoas surdas em relação a esta área de atuação, por se tratar de uma temática carente de abordagens acadêmicas. Para tanto, com a intenção de obtermos *corpus* para a pesquisa, selecionamos a área industrial e, mais especificamente, o setor automobilístico, pois, após o levantamento, pudemos chegar à conclusão de que esta é a área que mais emprega pessoas surdas na cidade de Catalão.

A princípio, foi feito um levantamento com o propósito de constatar a quantidade de funcionários surdos presentes em cada uma das empresas do ramo, e, após a coleta desse dado, foi selecionada aquela que apresentou o maior número desse público. Desse modo, foi a partir do contato e entrevistas com funcionários surdos da empresa que pudemos apreender os sinais terminológicos por eles utilizados em suas práticas profissionais.

Considerando que a língua utilizada pelos surdos é de modalidade visual-espacial e a dos ouvintes oral-auditiva, propusemo-nos a observar a maneira pela qual se efetiva a comunicação mediante o uso de terminologia daquele ambiente, ou seja, analisamos a maneira pela qual estas ganham vida e sentido em forma de sinais, uma vez que é por meio deles que a comunicação entre surdos e ouvintes flui dentro daquele espaço. No que tange à comunicação, também buscamos compreender a partir das entrevistas com os participantes surdos, como a mesma é efetivada, uma

vez que neste processo envolve duas línguas diferentes, no caso a Língua Portuguesa e a Libras.

Os sinais terminológicos foram registrados sob a forma de imagens da pesquisadora sinalizando cada um dos termos coletados que compuseram um glossário, que poderá ser consultado tanto por pessoas surdas, quanto por ouvintes que atuem no ramo automobilístico ou áreas afins, de modo a facilitar a interação entre elas dentro das empresas em que os sinais são habituais. Dessa forma, acreditamos que este estudo proporcionará a otimização da comunicação entre surdos e ouvintes dentro de empresas do ramo, promovendo a inserção social efetiva dos surdos no mercado de trabalho, em especial, no setor industrial, que mais os tem empregado na região sudeste do estado de Goiás.

Esta proposição é, portanto, uma das principais motivações que encontramos para realizar este trabalho, pois, de alguma forma, o estudo científico pode resultar em um retorno social, principalmente em se tratando de pessoas surdas, que dificilmente têm acesso à comunicação efetiva. Seria esse, então, um modo de proporcionar aos demais profissionais da área automobilística a oportunidade de aprender e, consequentemente, colocar em prática os sinais técnicos específicos do ambiente de trabalho, favorecendo, assim, a promoção da acessibilidade linguística e inclusão social dos funcionários surdos.

Portanto, estes aspectos caracterizam nossa pesquisa como terminológica e terminográfica, o que a faz pertencer ao rol das ciências do léxico, sendo a Terminologia o campo da Linguística que estuda os termos próprios a uma área técnico-científica, e a Terminografia a disciplina que realiza o registro desse léxico especializado em forma de glossários e vocabulários técnicos (KRIEGER; FINATTO, 2004). As autoras reforçam que, enquanto a Lexicologia se preocupa com a língua geral, a Terminologia e a Terminografia se encarregam do léxico especializado, organizando-o e divulgando-o como forma de promover a univocidade na comunicação em contexto técnico-científico: “O objeto da disciplina terminologia é bem definido: o termo técnico-científico. É esse objeto que marca a identidade da área [...]” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 20).

Apesar de ser uma prática antiga, foi somente na segunda metade do século XX que a Terminologia se constituiu propriamente como um campo de pesquisa. Isso faz dessa área do conhecimento um campo de estudo ainda novo, não só no Brasil, mas também em outros países, conforme pontuam Krieger e Finatto (2004). Isso posto, há de se reconhecer que os estudos terminológicos na área de Libras são ainda mais raros, tendo em vista que o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais se deu apenas em 2002 por meio da Lei nº 10.436.

Os autores cujas obras foram selecionadas para nos servir de aporte teórico principal são: Tuxi (2015, 2017) e Faulstich (2001, 2014), que apresentam noções básicas sobre as áreas terminológica e terminográfica aplicadas à Língua de Sinais; Albres e Neves (2012), que fazem relevantes considerações acerca da prática de construção de glossários em Libras, mostrando seus benefícios e exemplificando as suas etapas de elaboração. Contamos também com Xavier (2011) e Welker (2004), que possibilitaram a compreensão sobre a Lexicologia e os critérios para elaboração de glossários, trazendo o discernimento entre estes e outros instrumentos lexicográficos.

Esta pesquisa se sustenta também em Moura e Silva (2010), que apresentam questões sobre o tema geral do estudo que nos propomos a realizar, que são as pessoas surdas e sua atuação no mercado de trabalho; e, por último, mas certamente a mais norteadora deste trabalho, temos a obra Krieger e Finatto (2004), que nos inseriu verdadeiramente no mundo dos estudos terminológicos e terminográficos, pois se trata de uma obra introdutória e bastante didática, que nos permitiu compreender as especificidades das duas disciplinas supracitadas.

Para dar cabo ao que desenvolvemos, este livro está dividido em quatro capítulos. No primeiro deles, abordamos as discussões pertinentes à Língua, às Linguagens, ao Léxico e à Cultura; em sequência apresentamos as ciências do léxico, especificando-as e mostrando os diferentes tratamentos que cada uma delas oferece ao objeto que lhes é comum: o léxico. Posteriormente, discorreremos sobre a Terminologia associada à Libras, apresentando pesquisas desenvolvidas na área e a sua constituição como campo de estudo linguístico.

No segundo capítulo, traçamos o caminho metodológico percorrido na pesquisa e o modo como os dados foram coletados. Nos dedicamos a discorrer sobre a trajetória da pesquisa e como foram realizadas as entrevistas. Apresentamos os participantes e narramos as entrevistas cedidas, buscando traçar o perfil de cada um deles.

No terceiro capítulo, nos ativemos às definições de glossário e discorreremos sobre macro e microestrutura. Delimitamos também o público ao qual o material se destina e, em sequência, apresentamos o glossário composto por sessenta e seis (66) entradas acompanhadas de entrada, categoria gramatical, definição, sinal-termo, descrição do sinal, variação e ilustração.

O quarto capítulo é destinado às análises do processo de formação dos sinais, levando em consideração a arbitrariedade e a iconicidade do signo linguístico na Libras, buscando analisar a motivação e a não-motivação dos sinais-termos criados pelos funcionários surdos do setor automobilístico. Para tanto, abordamos as discussões sobre iconicidade e arbitrariedade, embasadas em Saussure (2008), que defende a arbitra-

riedade na relação entre significado e significante, em Peirce (1977), que traz interessantes considerações sobre os elementos icônicos que permeiam o signo linguístico, e em Strobel e Fernandes (1998), que também abordam estas questões relacionando-as à Libras.

E, por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa, retomando as principais discussões e resultados deste estudo terminológico.

RECORTES TEÓRICOS

Neste primeiro capítulo, buscaremos apresentar as discussões concernentes ao que acreditamos ser a gênese das questões trabalhadas em toda a extensão da pesquisa: a língua, as linguagens, o léxico e a cultura. Exibiremos cada um desses conceitos de acordo com a percepção de teóricos como Saussure (2008), Fiorin (2013) e Lyons (1981), que discutem a língua e sua estrutura, bem como, as linguagens e o modo como elas se relacionam com o mundo; Biderman (1984, 2001), Barbosa (1982) e Rey-Debove (1984) que tecem importantes reflexões acerca do léxico e suas ciências; e por fim, De Paula (2007), que aborda a cultura como elemento representativo dos traços da coletividade em interface com a língua.

1.1 Língua, Linguagens, Léxico e Cultura: uma abordagem preliminar

Entendemos que a língua é um conjunto de signos organizados sistematicamente, fazendo parte da memória social e coletiva. Ela é construída historicamente sob a forma de possibilidades combinatórias e constitui um repositório das práticas e representações simbólicas (DE PAULA, 2017).

A linguagem, por sua vez, são as inúmeras possibilidades de interação com o mundo que nos rodeia. É por meio dela que atribuímos sentido a tudo que está a nossa volta. Fiorin (2013) compreende que a linguagem é o elemento que torna o mundo perceptível a nós, uma vez que é por meio dela que captamos a realidade – e até mesmo a interpretamos –, realizamos interações diversas, exprimimos sentimentos, criamos e mantemos laços sociais.

Saussure (2008) concebe a linguagem como multiforme, pois se manifesta em diferentes tipos de signos, podendo estes variar entre verbais e não-verbais, e heteróclita, por pertencer a vários domínios, mostrando-se sempre em movimento no sentido de criar e recriar conforme as necessidades do homem (FIORIN, 2013).

A linguagem é, portanto, o conjunto de todas as nossas manifestações, expressões e falas. É uma particularidade de um só indivíduo, mas ao mesmo tempo é de todos que a interpretam e que partilham de suas funcionalidades. A linguagem está presente em todas as nossas vivências, uma vez que, havendo comunicação, seja ela por meio de palavras, gestos, ou imagens, há linguagem.

Dentre as inúmeras formas pelas quais a linguagem pode se realizar, há a linguagem verbal, que é aprendida sob a forma de uma língua. Nesse sentido, Fiorin (2013), embasado nas discussões saussureanas, pontua que a língua está dentro da linguagem e, nessa relação de pertencimento, torna-se uma parte essencial desta.

Vimos que a linguagem não pode se constituir como objeto de nenhuma ciência específica justamente por não pertencer a um único domínio, o que se justifica por seu caráter heteróclito. Porém, por outro lado, temos a língua, que pode ser vista como um todo devido à existência de regras que a mantêm coesa, o que a permite se constituir como objeto de uma ciência, no caso a Linguística, que busca elucidar o funcionamento da linguagem verbal através da língua (FIORIN, 2013).

Podemos interpretar que a língua faz parte do domínio social, uma vez que os signos que estão disponíveis à nossa comunicação são aceitos mediante uma espécie de acordo tácito, um contrato social estabelecido pelas práticas de vivência de uma sociedade, que só ocorre após a aceitação de um grupo. Os signos são, portanto, um sistema psíquico que se forma em nossa mente através de inúmeras possibilidades que oportunizam a comunicação e se configuram como patrimônio da coletividade (DE PAULA, 2007).

Outra característica relevante da língua é a possibilidade de se modificar constantemente. Isso significa que ela é passível de sofrer alterações, por isso, nenhuma língua natural permanece imutável (FRANÇA; FERRARI; MAIA, 2016). Apesar de estar clara essa característica de constante mutação da língua, nem sempre nós, usuários desse sistema, percebemos suas alterações. É por isso que Faraco (1991) nos lembra que as mudanças acontecem de forma lenta e gradual, podendo ser percebidas em textos antigos ou nas falas de pessoas mais velhas.

Sabemos que a língua é formada por um sistema de signos, e estes signos é o que chamamos de léxico. Rey-Debove (1984, p. 52) pontua o léxico como “um conjunto de unidades codificadas significativas”. Barbosa (1992, p. 122) nos lembra que “todo sistema linguístico contém unidades lexicais, inventário à disposição dos falantes, unidades estruturadas de acordo com regras que permitem aos usuários a criação de novas palavras mais adequadas as suas necessidades de comunicação”.

Alguns postulados de Biderman (2001) nos levam a compreender que o léxico de uma língua é formado a partir dos processos de nomeação e categorização dos seres e

objetos, que originam os signos linguísticos, sendo estes os responsáveis pelo registro do conhecimento do universo. Para a linguista, as palavras podem ser entendidas como rótulos pelos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio, “relacionando-se com o processo de nomeação e com a cognição da realidade” (BIDERMAN, 2001, p. 14). Compreendemos que todo o conhecimento do universo é pertencente ao léxico, porque se cristaliza ou se materializa no signo linguístico, que é caracterizado por Rey-Debove (1984) como aquilo que evoca os objetos do mundo, tornando-os presentes à nossa consciência e proporcionando o seu armazenamento mnemônico, isto é, sob a forma de memória.

O léxico das línguas naturais vive um processo de expansão permanente, e nós, seres humanos, somos responsáveis pela sua manutenção e ampliação constante. Podemos dizer que as modificações, por serem um ato cultural, ocorrem devido à nossa necessidade de ampliar os signos lexicais para designar a realidade que vivenciamos diariamente.

É devido à necessidade de nomeação que Biderman (2001) pontua que o léxico é o único domínio da língua que se constitui como um sistema aberto, isto é, passível de mudanças e acréscimos. Nesse sentido, a autora define o léxico como “[...] o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui-se um tesouro cultural e abstrato [...] herança de signos lexicais” (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Refletindo sobre as palavras da autora, podemos entender que o léxico, apesar de possuir a característica de modificação e expansão, representa também um patrimônio, isto é, algo de grande representatividade e valor para aqueles que a ele recorrem. Ao mesmo tempo em que somos os responsáveis pela modificação do léxico, nas palavras de Saussure (2008), somos também a massa social encarregada de conservar a língua, pois as forças sociais atuam sempre em função do tempo. Ferreira (2008) concorda com Biderman (2001) no que diz respeito à visão do léxico como um patrimônio, uma vez que, a seu ver, “As palavras constroem todo o patrimônio linguístico e constituem em si mesmo patrimônio histórico e cultural. As palavras são os monumentos mais pequenos e misteriosos da língua” (FERREIRA, 2008, p. 290).

Desse modo, o léxico se configura como uma forma de representação da cultura de um povo. De Paula (2007, p. 94) alega que a relação mais estreita entre língua e cultura se dá no plano do léxico. Em consonância com esta autora, Ferreira (2008) também pontua que as palavras constituem o ponto de encontro entre a língua e a cultura.

Entendemos que a cultura, como conjunto de práticas sociais, diz respeito a tudo que produzimos e exprimimos em coletividade. São costumes, crenças, hábitos, que se tornam comuns a um grupo.

Tratamos sobre língua, linguagens e culturas, e, por consequência, abordamos o léxico como categorizador dos seres e objetos existentes no mundo. Pensando no léxico como elemento crucial na configuração de uma língua, buscamos investigar as ciências que se encarregam de estudá-lo. São elas: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia.

1.2 As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia

A Lexicologia é concebida como a área da Linguística que estuda o vocabulário de uma língua. Krieger e Finatto (2004) a consideram como a disciplina que se ocupa do estudo científico do léxico, isto é, das palavras disponíveis aos usuários de uma determinada língua, cabendo a ela as análises de sua estrutura, formação e etimologia.

Biderman (1984) define Lexicologia como uma ciência que procura estudar o léxico enquanto sistema, o modo como ele se estrutura. Na Lexicologia, a unidade lexical é estudada levando em consideração os vários sentidos e contextos em que ela pode ser empregada. Na Terminologia, por sua vez, conforme veremos mais adiante, o estudo do léxico se dá no âmbito dos campos profissionais, técnicos e científicos, isto é, analisa-se o sentido do termo empregado em uma área específica.

No campo lexicológico, faz-se necessário distinguir alguns termos que, à primeira vista, parecem sinônimos, mas que têm acepções diferentes em um contexto especializado. Em um glossário de termos da área da Lexicologia, Biderman (1984) esclarece que lexema é uma unidade abstrata do léxico, por exemplo, a palavra dicionarizada se apresenta como um lexema por adotar, naquele contexto, o caráter polissêmico, pois o seu significado só se definirá mediante o contexto de uso. No entanto, quando está situada em um texto ou discurso, carregada de significado contextual, passa a ser uma lexia, pois é a forma que o lexema assume no discurso. Welker (2004) pontua que as lexias podem ser simples ou compostas, sendo as simples formadas por apenas uma unidade lexical, e as compostas ou complexas, formadas a partir da integração de duas ou mais unidades lexicais³.

O glossário apresenta ainda uma definição para a palavra, que é entendida como uma unidade psico-sociológica importantíssima na língua por ser capaz de apreender o universo e promover a comunicação, entretanto, é de uso comum, não sendo aplicável a domínios técnicos. O vocábulo, por sua vez, muito se assemelha à lexia, por também dizer respeito ao uso concreto de determinada palavra inserida em um contexto

³ Para este trabalho, a discussão de Welker (2004) acerca das lexias compostas é satisfatória, no entanto, o assunto é complexo e pode ser aprofundado em textos como o de Martins (2016).

estabelecido. É importante mencionar que dentro da Lexicologia, a *lexia* constitui um termo, que, como os demais, apresenta um significado específico.

Já a disciplina *Lexicografia* é vista como a ciência responsável por registrar os vocábulos utilizados pelas comunidades de fala. Os dicionários são instrumentos de consulta e funcionam como “tesouro de uma língua”. Krieger (2008, p. 3), ao teorizar sobre o dicionário como um objeto semiótico, pondera que “as obras lexicográficas remetem a universos sociais, culturais, científicos, tecnológicos, jurídicos entre outros, estabelecendo sua dimensão textual”.

Conforme vimos, *Lexicologia*, *Lexicografia*, *Terminologia* e *Terminografia* são ciências do léxico, entretanto, o que as diferencia é a especificidade do objeto de cada uma, sendo a primeira e a segunda responsáveis pelo estudo e registro do léxico geral e a terceira e a quarta encarregadas dos termos próprios das ciências técnicas e tecnológicas. Interessante pensarmos sobre como se dá o processo de reconhecimento de uma unidade lexical como pertencente ao léxico geral ou ao léxico especializado. Sabemos que o dicionário tem o objetivo de registrar as unidades próprias do léxico geral de uma língua, enquanto instrumento de consulta; por outro lado, os glossários, “são pequenos vocabulários, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas” (BIDDERMAN, 1984, p. 139). A autora pontua que é muito comum a existência de glossários de linguagens técnica, no entanto, há também dicionários terminológicos.

A *Terminologia* como disciplina diz respeito ao estudo dos termos próprios a uma determinada área técnico-científica. A explicação para essa progressão seria, na visão de Krieger e Finatto (2004), uma resposta à proliferação dos termos técnico-científicos oriundos da ampliação dos conhecimentos desta natureza.

Barbosa (1992) pontua que qualquer disciplina ou ciência que necessita de termos definidos para lhe atribuir conceitos tem, então, a sua terminologia. Visto isso, cabe-nos ressaltar que todas as áreas, em maior ou menor grau, fazem uso de terminologia, pois há sempre elementos próprios de uma prática que precisam ser nomeados e categorizados para que a comunicação aconteça sem maiores dificuldades. Esses termos, porém, podem não ser comuns a todas as pessoas e, por isso, não se enquadram no rol do léxico geral, mas sim do léxico especializado. Nessa linha de pensamento, compreendemos que a *Terminologia* é uma área do conhecimento lexical, porém, diferentemente da *Lexicologia*, detém-se apenas ao estudo dos termos especializados.

Nesse sentido, Krieger e Finatto (2004) asseveram que a terminologia é um elemento inerente às chamadas comunicações especializadas, permitindo ao homem denominar objetos, processos e conceitos. Em vista disso, pode ser identificada como uma língua para fins específicos: “[...] as terminologias revelam-se como componentes ba-

silares dos sistemas linguísticos, bem como das interações comunicativas [...]” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 20). E, apesar de parecer um estudo novo, “A terminologia não é um fenômeno recente, pois sabemos que a história do homem é marcada pelas línguas de especialidades” (RONDEAU, 1984 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 24).

Dentre outras funções da terminologia, está a de promover a otimização na comunicação entre participantes de uma mesma área técnica ou científica, bem como facilitar a transmissão de conhecimentos e saberes. Notamos que, embora existam registros de estudos Terminológicos desde o século XVIII, foi somente no século XX que a Terminologia se fixou como um campo de pesquisa.

No que diz respeito ao interesse dos pesquisadores por essa área de estudo, sabemos que este se manifestou através da relação que se buscava estabelecer entre os conceitos de áreas científicas e suas denominações. Com o passar do tempo e o crescente desenvolvimento dos saberes científicos, os estudos dos termos técnico-científicos foram se solidificando e sendo, pois, “a função precípua do sistema lexical de uma língua natural, nomear o mundo, e o mundo inclui as ciências e as técnicas. [...] expressar o mundo sem Terminologia não é expressar o mundo completo” (ALMEIDA, 2003, p. 221). Desse modo, a terminologia configura-se como elemento ativo na construção de uma língua, uma vez que expressa conceitos de todos os saberes.

Em concordância com Almeida (2003), as autoras Krieger e Finatto (2004) também discutem que, devido ao acelerado avanço da ciência e da tecnologia, as unidades terminológicas têm aumentado consideravelmente, pois a cada dia faz-se necessário nomear novas descobertas e invenções. Elas reforçam ainda que a Terminologia se encarrega do léxico especializado, organizando-o e divulgando-o como forma de promover a univocidade na comunicação e acrescem que “O objeto da disciplina terminologia é bem definido: o termo técnico-científico. É esse objeto que marca a identidade da área [...]” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 20).

No Brasil, os estudos terminológicos deram seus primeiros passos no início dos anos 1990. Os estados pioneiros em pesquisas desse ramo foram Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Krieger e Bevilacqua (2005) atestam que o núcleo fundador da Terminologia se deu no seio dos cursos de pós-graduação, por meio de pesquisas de mestrado e doutorado que traziam temas relacionados ao léxico especializado de diversas áreas, fazendo com que a disciplina ganhasse cada vez mais o seu espaço dentro das universidades.

Os estudiosos que se debruçaram sobre a língua especializada desenvolveram pesquisas e firmaram o campo dos estudos terminológicos, dando origem às chamadas Escolas de Terminologia. As Escolas de Viena, Praga e Rússia foram as que se destaca-

ram em relação ao número de pesquisas que contribuíram para sua solidificação enquanto disciplina, uma vez que o seu intuito era promover o reconhecimento e a valorização do aspecto cognitivo dos termos, propondo métodos para o tratamento das unidades terminológicas.

Krieger e Finatto (2004) nos relatam que Wuster foi um grande teórico da Terminologia, sendo considerado o fundador da Escola de Viena no ano de 1931 e o percussor da Teoria Geral da Terminologia (TGT), tornando-a conhecida como uma disciplina autônoma e definida. Apesar de ter sido por meio da TGT que a Terminologia se instituiu como um campo de estudo e obteve seu reconhecimento de saber científico, a teoria recebeu várias críticas devido à sua insuficiência e ao seu caráter redutor e padronizado dos termos técnico-científicos.

Desse modo, na perspectiva clássica, os termos técnicos são representações conceituais que ocupam um determinado lugar numa hierarquia lógica de conhecimento. Logo, as unidades lexicais especializadas não comportam diversidades conceituais, estando isentas de polissemia. Entretanto, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré, mostra que o conteúdo de um termo não é fixo, podendo variar de acordo com o cenário comunicativo, reconhecendo, então, a existência de polissemia no campo das comunicações especializadas. Compreendemos que a TCT consegue representar de maneira mais satisfatória o que de fato vem a ser a terminologia, já que esta é inerente à linguagem natural, e, por isso, pode adotar diversos significados de acordo com a área e o contexto em que é empregada.

Na última década do século XX, a Terminologia inicia um novo percurso em sua trajetória partindo da perspectiva das investigações terminológicas de base linguístico-comunicacional. Esse novo estudo diz respeito ao comportamento dos léxicos terminológicos no âmbito das comunicações especializadas (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 34). Compreendemos que este novo percurso seja necessário para o fim da perspectiva prescritivista da Terminologia e o seu reconhecimento como qualquer outra unidade da língua natural, sendo de uso social e, por isso, não se isenta de polissemias, pois comporta a diversidade conceitual assim como o léxico geral da língua.

Almeida (2003) pontua que foi somente em 1950 que a Terminologia deixou de ser vista como um instrumento de normalização e passou a ser enxergada como instrumento de comunicação, reconhecendo-se o seu caráter natural, assim como de todos os outros níveis que a língua apresenta. Para Krieger e Bevilacqua (2005), a Terminologia é um elemento que se enquadra na heterogeneidade da língua, não podendo, então, ser enquadrada em regras pré-estabelecidas. A Teoria Comunicativa da Terminologia abrange, ainda, além de outros paradigmas, o de que os termos sofrem influências dos

fatores socioculturais e linguísticos de uma comunidade, sendo que a variação é entendida como um fenômeno natural, inerente à linguagem.

Cabré (1999), responsável pela idealização da TCT, propõe que a terminologia deve ser estudada sob as perspectivas: social, cognitiva e linguística. Social, por ser fundamental levar em consideração as necessidades dos usuários; cognitiva, devido ao necessário conhecimento e domínio das especificidades da área, para então se identificarem suas terminologias; e linguística, por ser imprescindível que haja competência para a descrição dos códigos e dos atos comunicativos especializados reais.

A TCT é, portanto, na visão de Almeida (2003), uma teoria ampla e flexível, capaz de estudar e tratar suficientemente os diversos tipos de realidade. Segundo Krieger e Finatto (2004), a TCT desconsidera a existência de termos tendo como proposta geral a inclusão destes dentro de um sistema linguístico natural, e não mais artificial, conforme era preconizado pela TGT. Cabré (1999) elucida que, sendo, pois, os termos pertencentes ao sistema linguístico, as regras aplicáveis ao léxico geral são aplicáveis também aos termos.

Ainda sobre os termos, Krieger e Finatto (2004, p. 75) postulam que a unidade terminológica é elemento constitutivo do saber e componente linguístico, promovendo a univocidade da comunicação especializada. Na visão de Krieger (2008), os termos não são elementos próprios e exclusivos de uma área. Interpretamos que essa concepção se coaduna com a proposta da TCT justamente por reconhecer essa dinamicidade dos termos, aceitando que eles podem ora pertencer a um domínio científico, ora a outro.

Conforme explanado por Krieger e Finatto (2004), a Terminologia, enquanto disciplina, possui duas vertentes, referidas como as duas faces da mesma moeda: a teórica e a aplicada. A primeira é centrada nos estudos teóricos e analíticos do léxico especializado, já a segunda está relacionada ao aspecto prático desse estudo. Apesar de se apresentarem como duas vertentes, é salutar enfatizarmos a relação de complementaridade que elas possuem, isto é, uma oferece subsídios a outra. Na concepção das autoras acima referenciadas, a Terminologia pode ser vista como um ramo da Linguística Aplicada, pois está relacionada com a produção de referências especializadas e instrumentos que visam a facilitar a comunicação.

O campo aplicado da Terminologia é denominado por Krieger e Finatto (2004) como Terminografia. As autoras afirmam que a Terminografia se encarrega das aplicações terminológicas, constituindo-se como a disciplina que realiza o registro do léxico especializado, que resulta em produtos como glossários, dicionários etc. Barbosa (1992) alega que a compilação, armazenagem e organização dos termos técnico-científicos são funções da Terminografia.

Biderman (1984, p. 139) define glossário como: “Pequeno vocabulário, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê. Normalmente são comuns os glossários de linguagem técnica [...]”. Nas palavras de Xavier (2011, p. 108), o glossário:

[...] é um instrumento lexicográfico de pequeno ou de médio porte, que não pretende ser exaustivo. Ele opera um recorte no acervo lexical da língua, ou seja, efetua um inventário limitado de signos linguísticos e, então, procede à sua definição através da descrição parcial ou total dos seus significados.

Os instrumentos lexicográficos dicionário e glossário, apesar de serem obras de referência cujo objetivo é registrar o léxico parcial ou total de uma língua, apresentam características que os distinguem. O dicionário ajusta-se como uma obra de maior alcance e mais exaustiva, enquanto o glossário se atém a um quantitativo menor de definições (XAVIER, 2011).

Outro instrumento lexicográfico bastante comum é o vocabulário, que, segundo Welker (2004), costuma ser definido como sinônimo de léxico, conforme acontece no dicionário Aurélio. Entretanto, para o autor, o vocabulário busca definir os itens lexicais que compõem um texto ou discurso, indicando o significado das lexias no contexto empregado. A enciclopédia, na visão do autor, também se aproxima do dicionário no que diz respeito à apresentação de um quantitativo maior de entradas; entretanto, o que os distingue é o tratamento oferecido ao lexema no corpo da obra, sendo a enciclopédia mais abrangente na definição, apresentando número maior de informações sobre o lexema. Apesar de o autor fazer essa afirmação, entendemos que a diferença entre o dicionário e a enciclopédia se dá em termos qualitativos e não quantitativos. Jackson (2002, p. 21 *apud* WELKER, 2004, p. 45) pontua que a enciclopédia é um livro sobre o mundo real e não sobre língua, pois trata de coisas, pessoas, lugares etc. Welker (2004) complementa que na enciclopédia o mesmo assunto pode ter várias entradas, enquanto o dicionário trata em cada verbete de um determinado lema.

Krieger e Finatto (2004) alegam que os terminógrafos se encarregam do trabalho onomasiológico, partindo do conceito para o termo, ao contrário do que fazem os lexicógrafos, que partem da denominação para a definição, configurando um trabalho semasiológico. É devido a essas características que Barbosa (1992) define como tarefas da Terminologia a nomeação e a codificação, isto é, a atribuição de nomes a instrumentos, ações etc; enquanto a Lexicografia busca decodificar e definir os itens lexicais apresentados.

Semasiologia, para Biderman (1984), consiste em uma área da Semântica que estuda o signo linguístico a partir do significante e do significado, partindo de considerações sobre os significantes para indagar os significados. Já a onomasiologia parte da significação para a designação linguística. Interpretamos que, apesar de Lexicografia e Terminografia serem campos de investigação que se assemelham quanto ao objeto, possuem caminhos contrários em relação ao tratamento de seus objetos.

Considerando as explanações apresentadas ao longo deste referencial teórico, convém situar a pesquisa que realizou um estudo da terminologia do setor automobilístico usada em Catalão-GO e materializada em sinais constituintes do léxico da Língua Brasileira de Sinais.

1.3 Libras e Terminologia

Sabemos que cada área do conhecimento possui termos técnico-científicos, isto é, terminologias, e sendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) um sistema linguístico organizado e utilizado pela comunidade surda brasileira⁴, deve, portanto, ser capaz de, assim como qualquer outra língua, expressar tais terminologias. Nesse sentido, buscamos analisar como o léxico especializado, ou seja, os termos empregados dentro de um setor, é expresso por pessoas surdas que atuam em uma determinada área profissional e/ou técnica, materializando-se em forma de sinais, prática que coaduna em dois campos de pesquisa relativamente novos: Terminologia e Libras.

A motivação para realizar esse estudo surgiu após observação e posterior constatação sobre o considerável número de pessoas surdas que têm atuado nas diversas indústrias na cidade de Catalão-GO e, de modo especial, no setor automobilístico. O que propusemos com esta pesquisa foi analisar o modo como se efetiva a comunicação das pessoas surdas em relação às terminologias próprias à sua área de atuação. Para tanto, com a intenção de obtermos *corpus* para a pesquisa, selecionamos a área industrial e, mais especificamente, o setor automobilístico, que, conforme já mencionado, possui o maior número de funcionários surdos na cidade de Catalão.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um sistema linguístico organizado e utilizado por pessoas surdas e ouvintes. Sua origem é a Língua de Sinais Francesa (LSF), que foi trazida ao Brasil em 1816, e, a partir de então, sofreu as influências culturais brasileiras até se tornar uma língua de sinais própria do país, que tem o seu *status* linguístico reconhecido graças aos diversos aspectos que a caracterizam como uma lín-

⁴ No contexto brasileiro, comunidade surda refere-se não apenas às pessoas surdas, mas a todos que militam na área da surdez, bem como do uso e difusão da Libras.

gua. A formação dos sinais é um deles, pois é resultado de uma estrutura gramatical que se articula sistematicamente, de modo similar ao que acontece com o léxico nas línguas orais. Na Libras, os sinais existem a partir da combinação dos cinco parâmetros existentes: Configuração de Mãos (CM), Ponto de Articulação (PA), Orientação (O), Movimento (MO) e Expressão Facial e Corporal (EFC) (GESSER, 2009).

No Brasil, a década de 1990 foi fortemente marcada pelos movimentos surdos, que objetivavam o reconhecimento da Libras como primeira língua das pessoas surdas. Esses movimentos resultaram primeiramente no reconhecimento da Libras como língua oficial em alguns estados, e, posteriormente, em 2002 foi promulgada a Lei nº 10.436/2002, que reconheceu a língua de sinais em todo território nacional. Essa lei veio legitimar não apenas a língua, mas as pessoas surdas que passaram a ter seu meio de expressão verbal reconhecido pela sociedade e, o mais importante, os sinais deixaram de ser vistos como mímica, passando a ser reconhecidos como o léxico da língua sinalizada. Podemos dizer que, assim como os signos de conteúdo nocional – substantivos, adjetivos, verbos e alguns advérbios –, nas modalidades oral e escrita, formam o léxico das línguas orais, os sinais de significação plena⁵ formam o léxico das línguas de sinais.

Para Gesser (2009), a surdez pode ser concebida de duas maneiras: patologicamente e culturalmente. Patologicamente quando é considerada como uma deficiência ou anormalidade, e culturalmente quando é vista não como um problema, mas como especificidades e limitações do sujeito, que podem ser sanadas com o uso da língua de sinais. Além disso, a compreensão da surdez pelo viés cultural considera a cultura de indivíduos que se expressam linguisticamente por meios diferentes. Desse ponto de vista, a surdez deixa de ser um problema, e passa a ser enxergada no âmbito da diversidade cultural.

Nesse sentido, Gesser (2009) pondera que a surdez é um problema maior para o ouvinte do que para o próprio surdo, pois, de acordo com Wilcox e Wilcox (1997 *apud* GESSER, 2009, p.63), “[...] já é possível observar uma autonomia identitária, cultural e linguística, e, conseqüentemente, um senso coletivo crítico de que a surdez como problema é uma construção do mundo ouvinte”.

Notamos que as considerações dos autores em relação à surdez como problema a correlacionam com a incansável busca pela normalidade e encaixe nos padrões já impostos. Entendemos também que quando o sujeito deixa de ser visto como deficiente, e muitas vezes incapaz, começa a se mostrar como um indivíduo dotado de todas as ap-

⁵ Discussões sobre unidades lexicais nocionais e de conteúdo pleno podem ser encontradas em Biderman (2001).

tidões cognitivas que lhe permitem gozar de uma vida normal. A atual luta da comunidade surda está pautada no reconhecimento da surdez não mais como deficiência, mas como uma diferença linguística e cultural. Luz (2013) assevera que, do ponto de vista sensorial, os surdos são considerados diferentes, não apenas em relação ao idioma, mas pelo “seu modo de ser no mundo” (LUZ, 2013, p. 18).

Existem vários motivos que levam à surdez, e esta se divide em dois tipos: congênita e adquirida. A primeira diz respeito à aquisição da surdez pelo feto ainda em fase de gestação. Gesser (2009) destaca que dentre as causas mais comuns de surdez congênita estão os vírus da rubéola, sífilis, toxoplasmose e outras. Já a surdez adquirida pode ser o resultado de quedas, infecções, patologias e outras causas, conforme relatado pelos participantes desta pesquisa. No que concerne à surdez adquirida, existe ainda a distinção em relação à aquisição ou não da língua oral anteriormente à surdez. Denominam-se pós-linguais os surdos que tiveram experiências sonoras com a língua oral antes da surdez, e pré-linguais aqueles que não possuem nenhuma experiência fônica da língua oral (GESSER, 2009).

Gesser (2009) ressalta que existem graus de surdez que variam entre leve e profundo de acordo com a quantidade de decibéis (dB), que é a unidade de proporção do som. O limiar de audição considerado normal é de 25 dB, já a surdez leve varia de 26 a 40 dB, a moderada de 41 a 55dB e a considerada profunda atinge mais que 91 dB.

Importa ressaltar que nem sempre o sujeito surdo se identifica com a cultura surda, pois esta, muitas vezes, é ignorada por alguns surdos pelo não reconhecimento identitário com o grupo. Tal postura pode ser justificada pelo tão frequente não reconhecimento dos surdos como seres dotados de capacidade e participantes da comunidade em geral, sendo muitas vezes estigmatizados. Nesse sentido, Luz (2013) pontua que os surdos fazem parte de uma minoria linguística que luta pelo seu reconhecimento social.

No que se refere às pesquisas acadêmicas voltadas à temática da Libras e da surdez, consideramos estarmos avançando cada dia mais, pois diversas áreas do conhecimento têm se debruçado e investigado sobre o assunto. Após uma rápida revisão da literatura disponível em plataformas *online*, pudemos constatar que a Educação, a Saúde e a Linguística têm sido as disciplinas com maior interesse e estudos científicos sobre a surdez, pessoas surdas e a Libras. Diante disso, entendemos a necessidade de mais abordagens lexicais e terminológicas da Libras, como esta que desenvolvemos, para a consolidação dos estudos terminológicos em Libras no Brasil.

É fácil constatar que a grande maioria de materiais terminológicos da área de Libras está centrada em glossários virtuais disponibilizados na *internet* contendo termos

específicos das áreas de conhecimento de disciplinas escolares, como química, física, história etc. Esse trabalho possivelmente tem sido realizado com o objetivo de respaldar e facilitar a prática de interpretação e consequente inclusão dos alunos surdos matriculados nos diferentes níveis de escolarização.

Atualmente, a referência em estudos terminológicos da Libras encontra-se no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm, e no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais - LabLibras da Universidade de Brasília - UnB (CASTRO JÚNIOR, 2011). As discussões sobre os sinais-termos têm ganhado força principalmente nas pesquisas de pós-graduação desta Universidade. O público ao qual se destinam os sinais-termos criados é constituído, nas palavras de Tuxi (2017), por docentes e discentes surdos que fazem parte da comunidade acadêmica. Castro Júnior (2017) defende que “a criação de sinais-termos tem a finalidade de promover a interdisciplinaridade do ensino e pesquisa da Libras com as Terminologias de diversas outras áreas [...]” (CASTRO JÚNIOR, 2017, p. 53).

Enilde Faulstich, criadora do sinal-termo no Brasil e consequentemente pesquisadora dos estudos de Terminologia e Libras no país (TUXI, 2015), define sinal-termo como um termo, em forma de sinal, criado para denotar conceitos de linguagem especializada em língua de sinais. Desse modo, o termo no Português, quando passado para a Libras, recebe o nome de sinal-termo, que, para Faulstich (2014, s/p), é:

Sinal-termo. 1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira.

A grande maioria das pesquisas já realizadas até o momento na UnB retrata o processo de criação do sinal-termo, que, segundo Tuxi (2017), ocorre através de encontros semanais reunindo pesquisadores surdos e ouvintes para apresentarem suas áreas de pesquisas e as demandas para a criação dos sinais-termos que equivalem aos termos já utilizados na Língua Portuguesa. Os passos seguidos são: reconhecimento e identificação do público-alvo; delimitação das áreas pesquisadas; coleta e organização dos dados; organização do glossário, e, por último, o teste de validade que, nas palavras de Tuxi (2015), consiste na apresentação e validação dos termos junto a outros pesquisa-

dores linguistas surdos no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais Brasileira - LabLibras.

Importante ressaltar que, neste contexto, os pesquisadores fazem o trabalho de criar os sinais equivalentes aos termos das mais diversas áreas. Essa demanda se dá pelo fato de ser urgente a necessidade de haver sinais próprios para as terminologias devido à presença de surdos na rede de ensino e em cursos de formação. Nestes casos, para facilitar a prática de interpretação e até mesmo a compreensão por parte dos alunos, é importante que haja para cada item lexical o sinal correspondente, evitando, assim, a prática de datilografia no momento da interpretação, que consiste em sinalizar letra por letra de determinado item lexical quando este não possui um sinal equivalente ou é desconhecido pelo sinalizante.

A esse respeito, Tuxi (2017) afirma que o processo de criação dos sinais-termos teve como base teórica a teoria do signo linguístico de Peirce (1975), por meio da qual foi possível abstrair que o signo linguístico que compõe o sinal-termo na Língua de Sinais é formado pela “abstração mental do conceito e significado do objeto pelo interpretante, no caso o surdo” (TUXI, 2017, p. 181).

Apesar de serem pesquisas fundantes na área de Terminologia e Libras, consideramos que diferem da proposta desse trabalho, por tratarem do processo de formação dos sinais para as terminologias existentes na Língua Portuguesa e ausentes na Libras, enquanto este estudo tem por objetivo registrar e analisar os sinais-termos já em uso, ou seja, os sinais que foram criados pela própria comunidade surda e que já são utilizados em sua área de atuação profissional.

No ano de 2006, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com outras oito instituições de ensino deu início ao curso de Letras-Libras na modalidade à distância. Diante disso, houve a necessidade da criação de um glossário com os termos técnicos da área, uma vez que grande parte dos docentes e discentes do curso eram pessoas surdas e, por isso, demandavam a prática de interpretação da Libras para o Português e vice e versa. A professora e pesquisadora Marianne Stumpf coordenou, ainda no ano de 2006, o projeto de elaboração de dicionário em ambiente virtual contendo os sinais de disciplinas e termos próprios da área de Letras-Libras. Conforme informações contidas no ambiente virtual que disponibiliza o Glossário Libras vinculado à UFSC, a demanda foi crescendo e houve a necessidade de ampliação e divulgação desse banco de dados a toda a comunidade acadêmica. Atualmente, o Glossário Libras possui sinais referentes a outras áreas, como Arquitetura, Psicologia e outros. Essa pesquisa, além de instrumentalizar os professores e profissionais intérpretes de Libras, também contribuiu para a área de pesquisa terminológica da Libras.

Pesquisas oriundas de projetos voltados à Libras e Terminologia têm sido desenvolvidas e resultam em publicações de materiais, como é o caso do vocabulário “Sinalizando a Física” publicado por Cardoso, Botan e Ferreira (2010) na Universidade Federal do Mato Grosso. Trata-se de uma obra terminográfica que registra sinais-termos das áreas de física e mecânica. É um material relativamente extenso, pois conta com oitenta e duas (82) entradas, todas registradas em imagens dos próprios pesquisadores que retratam a sequência de movimentos de cada um dos sinais.

Costa (2012), primeiro pesquisador a utilizar o sinal-termo proposto por Enilde Faulstich, desenvolveu em sua dissertação de mestrado um modelo de Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil (EncicloLibras). O trabalho faz parte da linha de pesquisa em Léxico e Terminologia e tem como finalidade a produção de um material com conceitos, sinais e imagens referentes ao Corpo Humano. A obra conta com cento e vinte e seis (126) verbetes em Libras e funciona como material didático para que o público de surdos jovens possa compreender conceitos sobre o Corpo Humano. A pesquisa consistiu tanto na criação de novos sinais-termos e sua consequente validação, quanto no registro daqueles que já existiam.

Prometi (2013), pesquisadora da área terminológica da Libras, apresenta em seu trabalho “Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da Música”, como o título da pesquisa já sugere, um glossário bilíngue com termos da área musical. A autora esclarece que a motivação para desenvolver o material se deu em função da notável dificuldade que os alunos surdos enfrentavam nas aulas de música, devido aos professores não terem conhecimento dos sinais próprios para os termos específicos da área. As etapas seguidas pela pesquisadora foram: seleção dos termos em Português, criação dos sinais equivalentes, registro em imagens, validação dos mesmos através dos próprios alunos surdos e elaboração do glossário. Prometi (2013) considera emergencial o registro e a disseminação dos sinais-termos para o enriquecimento da terminologia na Libras.

Pesquisa semelhante à de Prometi (2013) foi a desenvolvida por Saulo Machado Mello de Souza (2015), que teve como proposta a elaboração de glossário bilíngue Libras/Língua Portuguesa na área cinematográfica. O objetivo do pesquisador foi proporcionar acessibilidade às pessoas surdas no que se refere ao acesso à cultura. O glossário foi dividido em cinco (05) categorias como gênero de filmes e programações de festivais e mostra de cinema, e, dentro de cada uma delas, houve a apresentação do sinal referente ao termo em questão. Ao todo foram apresentadas setenta e cinco (75) entradas com a apresentação dos conceitos, imagens e do sinal propriamente dito.

Outra pesquisa a ser mencionada é a de Castro Júnior (2014) que, através do projeto Variação Regional dos Sinais da Libras (VARLIBRAS), cujo objetivo é produzir obras lexicográficas como dicionários e glossários bilíngues Libras/ Língua Portuguesa, buscou apresentar sinais-termos que possuem variações. A linha teórica adotada pelo autor é a de Labov (1972), que trata da variação lexical em línguas orais, mas que no contexto é adaptado para sua aplicabilidade também nas Línguas de Sinais. O VARLIBRAS busca, portanto, compor um inventário de criações lexicais composto por sinais-termos que apresentam variações. O autor defende que é necessário o registro dos sinais-termos que são criados no seio da comunidade surda em contato com suas áreas de estudo e atuação profissional.

Outros estudos terminológicos e terminográficos da Libras vêm sendo realizados por pesquisadores de diversas universidades do país. Como podemos observar, a maioria destes trabalhos tem por finalidade a criação e o registro de sinais-termos das áreas técnicas científicas e sua posterior organização em forma de glossários. Cardoso (2017), seguindo essa mesma linha de pesquisa, propôs a criação de um glossário bilíngue Libras /Português com termos da área de nutrição. Neste trabalho, a pesquisadora não se ocupa da criação de sinais-termos, apenas recolhe sinais destinados a outras áreas e os integram em um glossário específico de nutrição.

Pesquisa recente que merece ser destacada neste trabalho é a de Fernandes (2018), resultado da dissertação de mestrado desenvolvida na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (UFG-RC). O autor propõe um estudo lexicográfico com base no Sistema Brasileiro de Escrita para as Línguas de Sinais (ELiS) idealizado pela Professora Dra. Mariângela Estelita Barros, que resultou em um glossário bilíngue de Linguística em Libras-ELiS/Português e Português/Libras-ELiS, contendo oitenta e cinco termos da área da Linguística. Este estudo configura-se como o primeiro glossário que representa a Libras exclusivamente em sua modalidade escrita, dispensando a ilustração para representar o significante.

Castro Júnior (2017) considera o campo terminológico da Libras no Brasil ainda disperso, uma vez que cada grupo cria sinais e estes não são reconhecidos e nem difundidos em outros grupos, fazendo com que o desenvolvimento de sinais-termos fique a critério de grupos isolados. Compreendemos que esse fato deixa a comunicação entre a comunidade surda cada vez mais comprometida.

Desse modo, Almeida (2003) certifica que a capacidade de uma língua em comunicar tecnologias e o conhecimento de modo geral a permite consolidar-se enquanto um sistema linguístico autônomo, pois possibilita a participação dos seus usuários nos

cenários de prestígio do mundo moderno. Temos, então, a importância de se estudar e sistematizar terminologias na Libras.

Especificamente neste trabalho, acreditamos que, além de abrir caminhos para futuras investigações acerca do léxico especializado nas interações verbais dos surdos, poderá atingir ainda um alcance social no sentido de lançar um olhar diferente sobre a atual forma de trabalho a que as pessoas surdas têm sido submetidas, sendo privadas de comunicação eficaz entre os pares ouvintes, e, nem mesmo sendo reconhecidas como sujeitos culturais e utentes de uma língua de modalidade diferente, a Libras.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, detalharemos as ações necessárias durante a execução da pesquisa, apresentando as dificuldades encontradas e as medidas tomadas para viabilizar o estudo de acordo com cada etapa. Exibiremos também nesta seção a apresentação de cada participante e suas contribuições no processo de coleta de dados, e, ao final, listaremos os sinais-termos coletados organizados nas seguintes categorias: etapas de fabricação, instrumentos, máquinas, materiais, peças de automóveis e procedimentos.

2.1 Abordagem da pesquisa

Este trabalho constitui-se como uma pesquisa de cunho qualitativo. Esta abordagem é compreendida como:

[...] uma investigação que tem como preocupação central o exame dos dados em um tipo de profundidade que não é captada pelos números, tabelas e dados quantitativos, mesmo que não sejam eles representativos a outros casos de estudo, ou seja, o que se pretende descobrir, muitas vezes, é particular àquela situação e, por isso, é examinado no detalhe para aquele caso, tendo em conta a perspectiva histórica e/ou social do momento em que se faz a análise (VIGORENA; BATTISTI, 2011, p. 98).

A pesquisa não pretendeu obter representações numéricas, mas buscou analisar elementos próprios da comunicação de um grupo de pessoas, no caso, os funcionários surdos de uma empresa do setor automobilístico de Catalão-GO. A princípio, realizamos uma revisão da literatura no sentido de identificar teóricos das Ciências do Léxico, com ênfase em Terminologia e Terminografia, bem como trabalhos cujos temas se assemelhassem ao que nos propusemos a investigar, que são as terminologias em Língua de Sinais.

Tendo em vista que hoje a cidade tem se tornado referência pela quantidade de empresas desse ramo, atentamo-nos também à quantidade de pessoas surdas que fazem parte do quadro de profissionais dessas empresas.

É sabido que a inserção de pessoas com deficiência nas grandes empresas se dá em decorrência da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, que institui a obrigatoriedade de contratação desse público, prevendo que todas as empresas com cem (100) ou mais funcionários destinem de dois (2) a cinco (5) por cento das vagas de trabalho às pessoas com alguma deficiência, o que favorece a inserção de pessoas com esse perfil no mercado de trabalho, e, conseqüentemente, promove sua inclusão social.

De acordo com Moura e Silva (2010), a contratação de pessoas surdas pelas empresas é mais recorrente do que a de pessoas com qualquer outro tipo de deficiência. Isso ocorre pelo fato de que, ao contrário de outras deficiências ou limitações, a surdez, na concepção da maioria das empresas, não requer nenhuma adequação por parte da instituição, como é o caso da deficiência física, que torna necessária a eliminação de barreiras arquitetônicas através de adequações, como construção de rampas, instalação de elevadores e outros.

Dessa forma, os surdos têm sido os favoritos das empresas ao se tratar do cumprimento da lei de cotas anteriormente mencionada, visto que conseguem desenvolver seu papel sem adequações estruturais significativas por parte das empresas. Em decorrência disso, um grande número de pessoas surdas tem fixado residência em Catalão em razão das vagas ofertadas por empresas da cidade, principalmente as do ramo automobilístico.

Por se tratar de um contexto específico, que conta com um léxico especializado em relação aos instrumentos e procedimentos realizados, ocorreu-nos investigar como se dá a sinalização das unidades lexicais desse contexto. Desse modo, o que analisamos foi a maneira com que os termos próprios daquele ambiente ganham vida em forma de sinais e como ocorre a comunicação entre funcionários surdos e ouvintes.

Desta feita, a fim de desenvolver o tema proposto, a pesquisa foi norteada pelo objetivo geral, que consistiu em analisar o léxico especializado utilizado pelos usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no setor automobilístico, e pelos objetivos específicos de a) constituir um *corpus* especializado em Libras, b) elaborar um glossário com os termos descritos, com o propósito de promover o (re)conhecimento e a disseminação dos sinais, favorecendo, assim, a inclusão efetiva da pessoa surda em seu ambiente de trabalho.

Nossa proposta inicial era de que a apreensão dos termos e sinais próprios daquele ambiente se daria por meio de observações da prática profissional tanto dos funcionários surdos quanto dos ouvintes, que nos apresentariam, dentro da empresa, os ins-

trumentos, setores e procedimentos por eles realizados. E, posteriormente, realizaríamos as entrevistas com o intuito de registrar formalmente os sinais apreendidos.

Cientes da necessidade de submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Goiás (UFG), por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, iniciamos com o objetivo de adquirir o termo de consentimento da empresa e com a busca pelo quantitativo de funcionários surdos em cada uma das duas empresas do setor automobilístico instaladas em Catalão - GO. As informações foram adquiridas por meio do contato com a Associação das Pessoas com Deficiência de Catalão (ASPEDEC), que prontamente nos ofereceu o quantitativo de funcionários surdos atuantes em cada uma das empresas.

Constatamos que em uma delas o número de funcionários surdos totalizava cinco (5) pessoas, enquanto a outra apresentou um número maior, somando ao todo dezessete (17) funcionários surdos usuários da Libras, sendo este um dos critérios para a seleção dos participantes desta pesquisa. Selecionamos, então, a empresa com o maior número de pessoas surdas e possíveis participantes a serem entrevistados.

Uma vez selecionado o local de pesquisa, realizamos as tentativas iniciais de contato com a empresa por meio de telefonemas e e-mails com o objetivo de apresentar o projeto e propor a realização do trabalho. A princípio, o profissional responsável pela avaliação da proposta mostrou-se receptivo à iniciativa e garantiu a possibilidade de realização da pesquisa dentro da empresa, entretanto, após inúmeras tentativas de contato posterior, fomos informados de que a empresa não mais estabeleceria parceria com pesquisadores quando estes precisassem adentrar aos seus espaços de trabalho. A justificativa foi de que seria necessário um seguro de vida, no entanto, mesmo nos oferecendo a providenciá-lo, a instituição manteve a decisão contrária à realização do trabalho nos seus espaços interiores.

Devido ao desgaste da situação, cogitamos entrar em contato com a empresa que apresentou o número menor de funcionários surdos, entretanto, avaliamos ser inviável, pois o número de participantes seria demasiadamente reduzido, o que implicaria a possibilidade de uma obtenção de dados insuficientes para a pesquisa. Optamos, então, por dar seguimento ao trabalho entrevistando participantes atuantes na empresa com maior número de profissionais surdos. Assim, definimos que seria viável contatar individualmente estes profissionais com o intuito de apresentar a pesquisa e realizar o convite para a participação na mesma.

É salutar mencionar que a recusa da instituição à execução da pesquisa trouxe inevitavelmente prejuízos para o processo de coleta de dados no que concerne à diversidade de termos usados naquele contexto.

Após a submissão do projeto de pesquisa ao CEP, aguardamos o tempo para a sua avaliação e aprovação, período em que realizamos buscas com o intuito de encontrar pesquisas direcionadas à Libras e Terminologia para tomarmos conhecimento do que já havia de publicações na área. As buscas foram centradas no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no *Google Acadêmico*.

Em todas as pesquisas, inserimos as palavras-chave Libras e Terminologia. No SciELO não obtivemos nenhum resultado, já na BDTD os resultados somaram o total de cento e oito (108) trabalhos, que, após serem analisados pelo título, apenas dez (10) diziam respeito ao tema pesquisado, sendo oito (08) deles com proposta de criação de sinais e elaboração de glossários para áreas como Química, Engenharia de Produção, Arquitetura e outros. Os outros dois (02) se propunham a analisar glossários de termos em Libras. No *Google Acadêmico* localizamos três (03) trabalhos distintos daqueles já relatados no BDTD, todos tendo como proposta a criação de sinais e a elaboração de glossários para áreas específicas.

Percebemos que, em todos os trabalhos encontrados, a proposta de associar Libras e Terminologia se dá por meio da criação de sinais para os termos existentes em diferentes áreas do saber em Língua Portuguesa, diferentemente do que ora realizamos, cujo objetivo é apreender e registrar o que já havia sido criado naturalmente no seio das relações dos sujeitos em suas atividades diárias.

2.2 Coleta de dados

Segundo Vergara (2000), a coleta de dados é a forma pela qual se obtêm os dados necessários para responder ao problema. Por isso, para obtermos as informações pertinentes à catalogação e à sistematização do léxico especializado do setor automobilístico, especificamente como se dá a utilização desse conjunto de termos em Libras, realizamos a coleta dos dados por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas em vídeo devido à modalidade linguística dos participantes ser visual-espacial, nesse caso, a Língua Brasileira de Sinais, e não oral-auditiva, como no caso dos usuários de línguas orais.

Estabelecemos que seriam necessárias dez (10) entrevistas para coletarmos as informações almejadas, bem como um número expressivo de sinais que comporiam o glossário proposto. Inicialmente, os contatos foram feitos via mensagens de texto escritas na sintaxe própria dos usuários da Libras de modo a facilitar a compreensão por parte dos possíveis participantes, e também por chamadas de vídeo através do aplica-

tivo *whatsapp*, nas quais era explicado o objetivo da pesquisa por meio da sinalização em Libras e pedíamos a colaboração para o seu desenvolvimento. O convite foi feito de maneira simples a fim de garantir a compreensão de todos. Foi elucidado que se tratava de um estudo dos sinais que eles utilizavam no cotidiano dentro da empresa na qual trabalha(va)m. Relatamos como seria o passo a passo da pesquisa, bem como da elaboração do glossário.

Oito (08) das entrevistas foram realizadas nas casas dos participantes e duas (02) nas dependências da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás, conforme a preferência dos entrevistados. As entrevistas seguiram a mesma sequência: primeiro explicamos o objetivo da pesquisa, argumentando sobre a importância do registro dos sinais, em seguida, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme prevê o Comitê de Ética em Pesquisa da UFG, e orientamos sobre a importância da assinatura do termo, que os resguardaria quanto a questões éticas, principalmente no que dizia respeito à gravação em vídeo. Apesar de demonstrarem compreensão sobre a importância do TCLE, foi notória a apreensão diante do termo, que é relativamente extenso e exige assinaturas e preenchimento do campo com número do Registro Geral (RG) ou Cadastro de Pessoa Física (CPF).

A maior dificuldade se deu devido ao fato de os participantes não dominarem a Língua Portuguesa na modalidade escrita em que foi redigido e apresentado o TCLE. E, apesar da nossa tradução do mesmo para Libras, foi perceptível a preocupação em relação ao que de fato estava escrito no documento, causando, na maioria das vezes, grande constrangimento tanto nos participantes quanto na pesquisadora. Em alguns casos, havia a presença de algum familiar ouvinte, mãe, sogra e/ou filhos, e, nestas ocasiões, o termo era entregue a essa pessoa, que fazia a leitura e dava o consentimento para que o entrevistado assinasse o documento. Todos os participantes da pesquisa optaram pela não divulgação do seu nome e imagem.

Após a apresentação e a assinatura do TCLE, iniciamos o preenchimento das informações trazidas no roteiro de entrevistas. A parte inicial do roteiro consistia em questionamentos sobre sexo, idade, escolaridade, setor de lotação na empresa, idade de aquisição da Libras, domínio da Libras (fluente, intermediário e não-fluente), tipo de surdez (congenita ou adquirida) e grau de surdez (leve, moderada e severa). Finalizada a primeira parte, era solicitada a permissão dos entrevistados para iniciar a filmagem, e, conforme as perguntas eram sinalizadas, os entrevistados as respondiam em língua de sinais.

Ao todo foram dez (10) perguntas que tratavam da descrição do trabalho desempenhado pelos participantes, quantificação dos setores existentes na empresa, ferra-

mentas e procedimentos comuns à prática diária, instrumentos e máquinas presentes no ambiente de trabalho e questões relacionadas à comunicação e interação com os funcionários ouvintes da empresa. O objetivo foi trazer à tona o maior número de informações possíveis sobre a sua prática profissional, e conseqüentemente, a sinalização dos termos próprios de seu local de trabalho.

As gravações foram feitas em vídeo e áudio e todas tiveram de trinta e cinco a quarenta e cinco minutos de duração, com exceção de uma, que durou cinquenta e seis minutos. Como a maioria das entrevistas foi realizada nas residências dos entrevistados, a qualidade do vídeo e áudio não foi de excelência devido a interferências por barulhos de televisão, crianças e animais. Em muitas delas, não havia um local com mesa para que as entrevistas pudessem ocorrer de modo mais satisfatório, sendo muitas vezes as gravações realizadas em sofás e bancos, o que dificultava a sinalização e a filmagem das respostas. As entrevistas foram realizadas em língua de sinais, filmadas e transcritas pela pesquisadora, preservando sempre as especificidades linguísticas dos narradores.

Importante ressaltar que alguns entrevistados, apesar de se declararem fluentes na Libras, não apresentavam compreensão do que estava sendo questionado, levando-os, muitas vezes, a darem respostas não condizentes com o que estava sendo indagado, fazendo necessária a repetição e, por vezes, a simplificação das questões.

2.3 Participantes

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados dez (10) participantes a serem entrevistados, sendo seis (06) do sexo masculino e quatro (04) do sexo feminino. A idade dos participantes variou entre vinte e seis (26) e quarenta e nove (49) anos, e o tempo de trabalho na área automobilística foi de quatro (04) a quatorze (14) anos, com exceção de uma entrevistada, que havia sido demitida recentemente, tendo trabalhado por nove (09) anos no ramo. Os setores de lotação dos entrevistados foram: pintura, montagem, produção e logística. Todos os entrevistados relataram possuir surdez adquirida, que, segundo Gesser (2009), é aquela que o indivíduo adquire após o nascimento. É importante mencionar que todos tiveram surdez adquirida do momento do parto até os quatro (4) anos de idade. A idade de aquisição da Libras variou entre quatro (04) e vinte (20) anos de idade e o nível de escolaridade foi da terceira série do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio.

Para descrevermos os participantes da pesquisa de modo a garantir a preservação de suas imagens e identidades, conforme prevê o acordo firmado mediante o Comitê de

Ética em Pesquisa da UFG, os denominaremos como Participante 1 (P1), Participante 2 (P2) e assim por diante, conforme a sequência das entrevistas, acrescido do sexo (F/M) e idade dos entrevistados. Ex. P1 (Participante 1) M (masculino) 49 (anos).

P1M49 - Entrevista realizada no dia 14 de setembro de 2017, em sua residência.

O participante afirmou ter estudado até a sétima série, aprendido Libras aos dezessete (17) anos e se considera fluente na língua. Possui surdez profunda, adquirida devido a uma queda aos quatro (04) anos de idade. Trabalha na empresa há cinco (5) anos e está lotado no setor de pintura. Não é natural de Catalão-GO, tendo se mudado para a cidade para trabalhar na empresa.

Demonstrou possuir domínio em Libras, o que foi possível perceber pela coerência das suas respostas. Ele afirmou gostar do trabalho na empresa na linha de produção. Quando questionado sobre os setores existentes na empresa, P1M49 não compreendeu a pergunta e descreveu alguns dos procedimentos da fabricação dos automóveis e afirmou existir mais ou menos seis (06) setores. Sobre as ferramentas utilizadas no dia a dia, o entrevistado fez três sinais referindo-se aos mais utilizados em sua prática profissional: “porta”, “lixadeira” e “pintura”, sendo apenas a lixadeira de fato uma ferramenta. Entendemos que “pintar” e “porta” apareceram devido aos procedimentos mais comuns em sua lida diária serem lixar e pintar as portas dos automóveis em etapa de montagem.

Quando solicitado para que sinalizasse o nome de pelo menos dez (10) ferramentas ou máquinas existentes dentro da empresa na qual trabalha, o entrevistado mencionou as lexias “caixas”, “ferro”, “motor”, “peça”, “pintura” e “robô”. Questionado se haveriam outras ele afirmou não se lembrar, entretanto, quando apresentamos as imagens coletadas através da *internet*, ele realizou também os sinais de “apertadeira”, “assoalho”, “carroceria”, “chassi”, “empilhadeira”, “linha de produção”, “lixadeira”, “motor”, “palete”, “parafusadeira”, “pátio”, “pinça de solda”, “porta de carro”, “rebocadeira”, “revólver de pintura”, “solda” e “túnel”. O participante nos mostrou, no decorrer da entrevista, um total de vinte e três (23) sinais relativos ao seu ambiente de trabalho.

Ele afirmou já ter trabalhado no setor de solda de carrocerias e descreveu o trabalho por ele desempenhado na ocasião como o de “juntar o assoalho com laterais e teto⁶” (P1M49). Quando questionado sobre a interação entre funcionários surdos e ouvintes dentro da empresa, o entrevistado disse não haver preconceito e que tem vários amigos ouvintes. No entanto, afirmou serem recorrentes situações de falta de comuni-

⁶ As entrevistas com as falas dos participantes foram transcritas da Libras para a Língua Portuguesa e optamos por mantê-las na sintaxe da Língua de Sinais de modo a respeitar a fala dos narradores.

cação, principalmente em reuniões, pois, segundo ele, não há intérpretes de Libras e os palestrantes, normalmente, falam com a mão próxima à boca, o que dificulta o processo de leitura labial. Ele relatou que, em algumas situações, há colegas que escrevem o que está sendo dito, porém, a compreensão da Língua Portuguesa na modalidade escrita ainda é um desafio. Para ele, a contratação de intérprete de Libras e cursos de Libras seriam meios importantes para facilitar a comunicação no ambiente de trabalho e promover o desenvolvimento profissional da pessoa surda. “Às vezes tem curso, mas eu não fazer porque não entende nada. Eu vontade fazer curso porque salário aumenta. Precisa aprender para colocar no currículo” (P1M49).

P2F35 - Entrevista realizada no dia 14 de setembro de 2017, em sua residência.

A entrevistada afirmou ter concluído o Ensino Médio, aprendido Libras aos vinte (20) anos e considera ter fluência intermediária na Libras. Possui surdez profunda, adquirida devido a uma meningite pela qual foi acometida aos três meses de idade. Trabalha na empresa há treze (13) anos e está lotada no setor de montagem de automóveis. É natural da cidade de Catalão-GO.

Apresenta pouca compreensão da Libras e na maioria das vezes não demonstrou entendimento das questões. Quando questionada sobre o trabalho na empresa, P2F35 fez o seguinte relato “Uso ‘máscara’ e coloco fita azul e papel, ‘preparo’ para ‘pintar’. Aí leva o carro” (P2F35). Sobre os setores existentes na empresa, ela afirma existirem vários grupos, que, para ela, diferenciam-se pela cor do uniforme. Acerca das ferramentas utilizadas diariamente, ela descreve apenas “fita” e “papel” e reafirma que seu trabalho é exclusivamente preparar o carro para a pintura.

Quando solicitado para que fizesse sinais de ferramentas ou máquinas existentes dentro da empresa, citou somente “motor”, “parafusadeira” e “porta”, somando oito (08) sinais apresentados referentes a sua prática profissional.

P2 esclareceu que nunca trabalhou em outro setor, sendo a sua função a mesma desde quando foi contratada. No que se refere à sua interação com os funcionários ouvintes da empresa, ela afirmou que tem uma boa relação, e por eles não saberem Libras, ela tem ensinado alguns sinais para facilitar a comunicação, que, segundo ela, é um grande problema onde trabalha, pois quando há avisos aos funcionários, ela fica sem compreender até que alguém que sabe um pouco de Libras a inteire do que está se passando. Como medida para melhorar a comunicação dos funcionários surdos naquele ambiente, ela acredita que o curso de Libras oferecido aos funcionários seja a melhor opção.

P3F37 - Entrevista realizada no dia 19 de setembro de 2017, em sua residência.

A entrevistada afirmou ter estudado até o primeiro ano do Ensino Médio e aprendido Libras ainda criança, aos sete (07) anos, e considera ter fluência nesta língua. Possui surdez moderada, adquirida devido a uma febre alta aos três anos de idade. Trabalha na empresa há nove (09) anos e está lotada no setor de montagem de automóveis. Não é natural de Catalão e afirma ter se mudado para a cidade para trabalhar na empresa.

Apresentou domínio na Libras pela rapidez e coerência das respostas. Questionada sobre seu trabalho, afirmou gostar bastante, mas reclamou da falta de intérprete de Libras no acompanhamento de algumas atividades. Sobre a prática profissional, P3 relatou que é responsável pela montagem dos “fios coloridos” ligados aos “faróis” dos automóveis. Sobre a quantidade e sinais dos setores existentes na empresa, ela descreveu cinco (05), relatando-os de acordo com a ordem das etapas de fabricação, sendo: “solda”, “montagem”, “pintura”, “motor” e “linha de produção”. Quando questionada sobre as ferramentas mais utilizadas em seu cotidiano, P3 citou “chave de fenda”, “fios”, “parafuso” e “parafusadeira”, e sobre os dez sinais de máquinas e instrumentos existentes na empresa, relatou: “borracha”, “ferro”, “motor”, “plástico” e “porta”. Quando a entrevistada sinalizou o término dos sinais, a questionamos se não lembrava de mais algum, e ela disse que no momento não. Quando entregamos as imagens, P3F37 mencionou outros treze (13) sinais: “assoalho”, “calafetação”, “carroceria”, “chassi”, “elevador de carros”, “empilhadeira”, “linha de montagem”, “lixadeira”, “palete”, “pintura”, “pinça de solda”, “politriz”, e “rebocador”, perfazendo o total de vinte e nove (29) sinais apresentados.

A entrevistada pontuou que nunca exerceu outra função na empresa e está lotada no mesmo setor desde sua admissão. Sobre a interação que ocorre entre os funcionários surdos e os ouvintes, P3 faz a seguinte declaração: “Falta intérprete. Supervisor acha que surdo sabe ler Português, mas Surdo só finge entender” (P3F37). No que diz respeito à comunicação estabelecida no ambiente de trabalho, ela afirmou ter grandes dificuldades nas reuniões porque as pessoas pressupõem que os surdos não falam, mas leem, e para ela o maior desafio das pessoas surdas é compreender o Português escrito. Questionada sobre maneiras de reverter a situação que ela nos relatou que “Precisa intérprete de Libras. Ter contato, ensinar, aprender, melhorar. [...] como surdo desenvolver? Sempre mesmo lugar. Ouvinte desenvolve, cresce, mas surdo não. Eu trabalho lá já oito anos e nunca aumentar nada” (P3F37).

P4M34 - Entrevista realizada dia 20 de setembro de 2017, em sua residência, na companhia da sua mãe.

O participante afirmou ter estudado até a terceira série do Ensino Fundamental e aprendido Libras aos oito (08) anos, considerando-se fluente na língua. Possui surdez moderada, adquirida devido a uma inflamação no ouvido quando era bebê. Trabalha na empresa há onze (11) anos e está lotado na linha de produção. Não é natural de Catalão, porém fixou residência na cidade ainda criança.

P4 demonstrou dificuldade em compreender os questionamentos que lhe dirigimos, e, por isso, foi necessário repetirmos várias vezes os enunciados. Sobre as atividades que desenvolve na empresa, ele relatou da seguinte forma: “Eu responsável elevador de carros. Não pode ficar debaixo elevador porque perigoso. Eu aperto botão *ON* ou *OFF* para subir carros. Coloca seis ‘parafusos’ na ‘porta’, três de cada lado e também coloca três ‘parafusos’ no ‘câmbio’ do carro. Repete tudo de novo outro carro” (P4M34). Já em relação aos setores existentes na empresa, informou apenas que são oito (08), no entanto, justificou não saber os nomes deles nem sinais neles utilizados por não ter contato com os demais locais da empresa. Ele relatou ainda que a única máquina que faz parte de seu cotidiano profissional é o elevador de carros.

No momento em que solicitamos que ele sinalizasse os nomes de algumas máquinas ou ferramentas que existiam na empresa, P4M34 afirmou que havia várias coisas, mas não lembrava os sinais. Nesse momento, apresentamos as imagens e os nomes de algumas ferramentas e procedimentos comuns à indústria automobilística. Através das imagens, foi possível coletar os sinais referentes a “assoalho”, “calafetação”, “chassi”, “empilhadeira”, “ferro”, “guincho de peças”, “parafusadeira”, “politriz”, “rebocador”, “revólver de pintura” etc., totalizando quinze (15) sinais apreendidos.

P4M34 mencionou ter trabalhado apenas na linha de produção, especificamente no elevador de carros. Ao pedirmos para que ele avaliasse sua interação com os colegas de trabalho surdos e ouvintes, o entrevistado expôs da seguinte forma: “Meu chefe ouvinte e eu surdo, nós dois não tem comunicação. Ele fala, fala e eu não entendo. Eu ensinei Libras para meu amigo e ele me ajuda um pouco” (P4M34). Ainda sobre as dificuldades de comunicação, ele declarou ter amigos ouvintes, mas que com eles fala apenas “Oi!”. Quando questionado sobre os meios de facilitar a comunicação dos surdos naquele ambiente, P4 disse conseguir ler o português e por isso não vê a necessidade em se contratar intérprete de Libras pela empresa na qual trabalha.

P5M39 - Entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017, acompanhado de sua esposa na residência de sua mãe.

O entrevistado declarou possuir Ensino Médio completo e ter aprendido Libras aos quinze (15) anos de idade. Ele se reconhece como fluente na língua e disse ter surdez profunda, adquirida devido ao uso indevido de antibiótico quando criança. Trabalha na empresa há quatorze (14) anos e está lotado no setor de montagem, especificamente, na submontagem de radiadores. Não é natural de Catalão, porém fixou residência na cidade quando criança.

O participante demonstrou domínio na Libras através da fluência na sinalização e compreensão dos questionamentos. Indagado sobre as atividades que desenvolve na empresa P5M39 relatou que “monta” e “parafusa” o “radiador”. Ele disse ficar atento às luzes das máquinas porque não ouve os sons indicativos delas. P5 ressaltou que tem vários setores na empresa, inclusive os diferencia pelas cores dos uniformes, no entanto, disse não saber seus respectivos sinais por não ter contato com outros locais de trabalho. Sobre as ferramentas mais comuns às atividades que ele realiza, o entrevistado mencionou as lexias “parafuso” e “parafusadeira”.

Conforme tomamos conhecimento anteriormente à entrevista sobre o papel desempenhado por este participante na empresa, percebemos que se tratava de um campo mais específico e com um número maior de peças e instrumentos, e por isso fizemos a busca na *internet* por imagens e vídeos que continham detalhadamente o processo de montagem de radiadores de automóveis. A partir dessas buscas, selecionamos algumas imagens, que foram apresentadas a ele no momento em que o questionamos sobre as ferramentas com as quais trabalhava. Diante disso, pudemos coletar os seguintes sinais: “conector da mangueira do radiador”, “mangueira inferior do radiador”, “motor”, “ventilador do radiador” e “tampa do radiador”, totalizando, incluindo os anteriormente descritos, dez (10) sinais coletados.

P5 nos informou nunca ter trabalhado em outro setor, apenas já ter desenvolvido outras funções. No tocante à sua interação com os colegas de trabalho, o entrevistado nos revelou que sente um pouco de preconceito por parte dos colegas, entretanto consegue estabelecer comunicação com eles através das expressões faciais e de algumas palavras escritas. Ainda sobre as dificuldades de comunicação, P5 nos relatou que “Reuniões pessoa fala, fala, fala, mas surdo não entende nada. Pergunto, mas pessoa preconceito fala deixa pra lá” (P5M39). Indagado sobre formas de solucionar esse problema, o participante foi incisivo em afirmar que a maior necessidade é a contratação do profissional intérprete de Libras.

P6M43 - Entrevista realizada no dia 27 de outubro de 2017, na Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão, sala 18 do Bloco Administrativo.

O participante relatou estar cursando o nono ano do Ensino Fundamental e afirmou que a aquisição da Libras aconteceu na idade de dezenove (19) anos, considerando-se fluente nesta língua. Possui surdez profunda adquirida devido a uma constipação ainda quando criança. Trabalha na empresa há seis (06) anos e está lotado no setor de logística. Não é natural de Catalão e fixou residência na cidade devido ao oferecimento de vagas de trabalho às pessoas com deficiência.

P6M43 apresentou domínio da Libras e rapidez na compreensão das perguntas. Informou que seu trabalho consiste em controlar a entrada e a saída de materiais do setor de logística: “Soma números de materiais. [...] ‘caixas’, ‘parafusos’, soma e conta todos os materiais. Também separar lixo ‘caixa’, ‘papel’ e ‘plástico” (P6M43). Sobre os setores responsáveis pelas etapas de fabricação dos automóveis, o entrevistado afirmou existirem seis (06) ou oito (08) grupos, mas não conseguiu precisar os sinais referentes a eles. Com o auxílio de alguns vídeos e imagens da indústria automobilística, P6 nos relatou os sinais referentes à “apertadeira”, “borracha de porta”, “caixa”, “carroceria”, “elevador”, “empilhadeira”, “freio”, “laser”, “mola de pneu”, “montagem de porta”, “palete”, “parafusadeira”, “pátio de automóveis”, “pintura”, “pinça de solda”, “politriz”, “rebocadeira”, “robô de computador”, “transportador”, “vidro”, “volante” etc., somando um total de vinte e seis (26) sinais referentes à sua prática profissional e ao seu ambiente de trabalho.

Questionado sobre sua atuação em outros setores da empresa, o entrevistado relatou sempre ter trabalhado na área de logística e recolhimento de materiais recicláveis nos momentos vagos. Acerca de sua interação com os colegas de trabalho, P6M43 explicou que é “[...] sozinho não tem contato comunicação outras pessoas. Só hora almoço eu conversar pessoas surdas. Chefe meu não sabe nada Libras, só mostra coisas apontar” (P6M43). Relatou ainda que, em reuniões, ele e os demais colegas surdos não compreendem o que está sendo tratado, dificultando, muitas vezes, o trabalho dentro da empresa. A seu ver, a maneira mais eficaz para facilitar a comunicação no ambiente de trabalho seria a contratação de profissionais intérpretes e o aprendizado da Libras pelos colegas ouvintes.

P7F37 - Entrevista realizada dia 27 de outubro de 2017, na Universidade Federal de Goiás Regional Catalão, sala 18 do Bloco Administrativo.

A entrevistada informou ter concluído o Ensino Médio e adquirido a Libras aos nove (09) anos de idade e se considera fluente na língua. Possui surdez moderada, adquirida devido a uma paralisia sofrida aos sete (07) meses de idade. Trabalhou na empresa por nove (09) anos e foi recentemente demitida, juntamente com outras dezenas de funcionários. Durante o tempo de atuação nesse segmento, era lotada na linha de montagem, especificamente na área de chicote. É natural de Catalão.

A entrevistada apresentou domínio da Libras e rapidez na compreensão do que lhe era questionado. É oralizada e capaz de verbalizar algumas palavras; além disso, demonstrou grande conhecimento do funcionamento da empresa e foi objetiva com as respostas. P7F37 descreveu seu antigo trabalho na empresa como “Eu amarrar fios verde, vermelho, amarelo com fogo igual vela, ‘ferro de solda’ [...] também ‘parafusar’ ‘porta’” (P7F37). Relatou que na empresa existem nove (09) setores, referidos de acordo com a ordem da linha de produção: “solda”, “chicote”, “carroceria”, “pintura”, “motores”, “montagem”, “teste”, “inspeção mecânica”, “liberação” e “pátio”. Com o auxílio de imagens, apresentou outros nove (9) sinais, sendo eles: “calafetação”, “carroceria”, “chassi”, “elevador da linha de produção”, “lixa”, “lixadeira elétrica”, e “spray de pintura” perfazendo o total de vinte e dois (22) sinais coletados no decorrer da entrevista.

P7F37 informou que sempre trabalhou no mesmo local, razão pela qual nunca teve contato com outras práticas profissionais. Sobre sua interação com os demais funcionários da empresa, a participante declarou que ela acontecia com naturalidade devido ao fato de já estar habituada com a comunicação oral por meio de leitura labial. Apesar disso, relatou haver situações em que ficava alheia a algumas discussões devido à rapidez com que as pessoas falavam, fazendo-se necessário o auxílio de colegas ouvintes para repetirem pausadamente o que estava sendo discutido. “Chefe fala muito rápido reunião, depois amigo meu falava devagar e explicar tudo e eu entendia. Tinha amigo ouvinte que ajudava” (P7F37). Sobre medidas que a empresa poderia tomar para facilitar o convívio e a comunicação entre as pessoas surdas e ouvintes no contexto profissional, a entrevistada descreveu a contratação do profissional intérprete de Libras como emergencial.

P8M40 - Entrevista realizada no dia 31 de outubro de 2017, em sua residência, acompanhada da sogra.

O participante relatou ter estudado até a quarta série do Ensino Fundamental, aprendido Libras aos dez (10) anos e se reconhece como fluente na língua. Possui surdez moderada adquirida devido ao rompimento do nervo da audição durante o parto. Trabalha na empresa há cinco (05) anos e está lotado no setor de Pintura. Não é natural de Catalão e fixou residência na cidade devido ao oferecimento de vagas de trabalho às pessoas com deficiência auditiva.

Mostrou desenvoltura e rapidez na sinalização, entretanto, apresentou dificuldades em compreender os questionamentos que lhe dirigimos. Descreveu seu trabalho como “‘lixar’ carro, olhar atento para ver está bom, depois começar ‘pintar’ o carro” (P8M40). As ferramentas mais comuns à sua prática profissional foram descritas como “assoprador elétrico”, “lixa” e “lixadeira”. Sobre os setores existentes na empresa, informou que existem sete (07), no entanto, não soube descrevê-los ou denominá-los. Com o auxílio das imagens, apresentou os itens lexicais “apertadeira”, “carroceria”, “elevador de carros”, “empilhadeira”, “ferro”, “motor”, “parafuso” e “porta”, totalizando treze (13) sinais informados.

P8M40 informou que desde que começou a trabalhar na empresa está lotado no setor de Pintura. Sua interação com os demais funcionários da empresa foi por ele descrita como boa, porém “difícil surdo e ouvinte comunicar porque sabe pouquinho Libras” (P8M40). Sobre as dificuldades de comunicação, ele diz que durante as reuniões é quando se tem maior dificuldade, pois escrevem o assunto no papel, desconsiderando as dificuldades do surdo em compreender o português escrito. “Reunião difícil escrever português papel eu entender pouco. Eu perguntar o que chefe falar mas pessoas não sabe explicar” (P8M40). Ele nos relatou ainda que, apesar de ensinar alguns sinais ao supervisor e a alguns colegas, as dificuldades persistem em seu local de trabalho. A contratação de intérprete e o ensino da Libras aos colegas ouvintes são vistas como medidas importantes para sua inclusão na empresa.

P9F26 - Entrevista realizada dia 31 de outubro de 2017, em sua residência, acompanhada da mãe.

A entrevistada informou ter estudado até o segundo ano do Ensino Médio, aprendido a Libras aos quatro (04) anos e se declarou fluente na língua. Possui surdez moderada adquirida devido a ter contraído rubéola quando criança. Trabalha na empresa há quatro

(04) anos e está lotada no setor de montagem. Não é natural de Catalão e fixou residência na cidade devido ao oferecimento de vagas de trabalho às pessoas com deficiência.

P9F26 demonstrou boa compreensão da Libras e agilidade nas respostas. Descreveu seu trabalho como “montagem de painel e alto falante” (P9F26). As ferramentas mais comuns à sua prática profissional foram descritas como “ar condicionado”, “parafuso” e “parafusadeira”, já os procedimentos são “colocar painel” e “parafusar” (P9F26). Ela informou que nunca exerceu outras funções na empresa, apenas a montagem de painel.

Quando questionada sobre as ferramentas e máquinas existentes na empresa, P9F26 disse não se lembrar de nenhum sinal; no entanto, quando mostramos as imagens, ela sinalizou os seguintes itens lexicais: “chassi”, “elevador de carros”, “empilhadeira”, “liberação de automóveis”, “lixadeira”, “montagem”, “motor”, “para-choque”, “parafusadeira” “parafuso” “pintura”, “polimento”, “porta” e “solda”, totalizando vinte (20) sinais apresentados.

Sobre sua interação com os colegas de trabalho, a entrevistada relatou ser difícil pela falta de conhecimento da Libras pelos colegas ouvintes. E mesmo tendo ensinado sinais básicos a alguns colegas de trabalho, as barreiras de comunicação ainda são persistentes. Em seu entendimento, o intérprete de Libras se configura como meio importante para facilitar a comunicação no interior da empresa.

P10M39 - Entrevista realizada dia 07 de novembro de 2017, em sua residência, acompanhado da esposa.

O participante relatou estar cursando o nono ano do Ensino Fundamental, ter aprendido Libras aos vinte (20) anos e se reconhece como fluente na língua. Possui surdez moderada adquirida devido a uma queda sofrida logo após o parto. Trabalha na empresa há quatro (04) anos e está lotado no setor de Pintura. Não é natural de Catalão e fixou residência na cidade mediante interesses profissionais.

O entrevistado demonstrou dificuldades na compreensão da Libras e em alguns momentos não compreendeu o que era questionado. Ele descreveu seu trabalho como controle do elevador que emerge as carrocerias na água durante o processo de pintura. Informou que nunca trabalhou em outros setores além da pintura. Quando solicitado para que apresentasse sinais de pelo menos dez (10) ferramentas, máquinas ou procedimentos existentes na empresa, sinalizou “politriz” e “revólver de pintura”. Após visualizar as imagens, apresentou outros oito (08) sinais: “assoalho”, “chassi”, “chave articulada”, “empilhadeira”, “laser”, “paleta”, “pinça de solda” e “polimento”, somando dez (10) sinais terminológicos apresentados.

Sua interação com os colegas surdos e ouvintes é por ele avaliada como normal, entretanto, sente dificuldades em compreender o português escrito, por isso conta com a ajuda de uma colega surda que tem facilidade de leitura: “Colega surda ajuda. Consegue ler português mais ou menos. Sempre chama amiga surda comunicação chefe” (P10M39). No seu entendimento, a contratação de profissionais intérpretes facilitaria sua inclusão no ambiente de trabalho.

Entendemos, de modo geral, que mesmo não tendo conseguido executar as etapas de pesquisa tal como havíamos idealizado em princípio, os resultados obtidos foram satisfatórios e a coleta dos dados nos permitiu adentrar o universo dos termos sinalizados da indústria automobilística sob a perspectiva de dez entrevistados. Há em comum em todos eles o desejo de adquirir conhecimento e se desenvolverem profissionalmente. No entanto, consideram existir obstáculos nesse caminho, principalmente no que diz respeito à língua, e, conseqüentemente, à comunicação.

É notória a falta de conhecimento dos entrevistados no que se refere à empresa como um todo. A dificuldade em nomear outros setores ou instrumentos que não lhes sejam habituais em suas práticas reflete a necessidade da comunicação eficaz naquele espaço.

2.4 Apresentação dos dados

A coleta de dados nos possibilitou apreender sessenta e seis (66) unidades lexicais diferentes, considerando que muitas delas foram repetidas em várias entrevistas. No quadro a seguir, demonstraremos as categorias de cada uma delas.

Quadro 1 - Listagem dos sinais-termos coletados distribuídos em categorias⁷

Etapas de fabricação	Abastecimento, liberação, linha de produção, pátio de automóveis, pintura, teste, túnel.	07
Instrumentos	Apertadeira, chave de fenda, ferro de solda, lixadeira elétrica, palete, parafusadeira, parafuso, pinça de solda, politriz, revólver de pintura, spray de pintura.	11

⁷ Quadro apresentado no I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia das Línguas de Sinais, 2019. Disponível nos anais do evento < https://www.academia.edu/42210154/Anais_do_I_CILLTTLs?auto=download> e no trabalho Libras e Linguística de Corpus: análise de sinais-termos da indústria automobilística, 2020. Disponível em: <https://www.letraria.net/estudos-exploratorios-em-linguistica-de-corpus/>>.

Máquinas	Elevador de carro, elevador da linha de produção, empilhadeira, laser, rebocador, robô de peças, robô de computador, robô de pintura, transportador.	09
Materiais	Borracha, caixa, ferro, fita adesiva isolante, lixa, máscara, plástico, vidro.	08
Peças de automóveis	Alto falante, ar condicionado, assoalho, borracha de porta, câmbio, carroceria, chassi, conector da mangueira do radiador, farol, chicote, freio, mangueira inferior do radiador, mola, motor, painel, para-choque, peça, porta de carro, pneu, radiador, tampa do radiador, ventilador do radiador, volante.	23
Procedimentos	Calafetação, inspeção mecânica, lixar, montar, parafusar, pintar, polir, solda.	08

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os sinais coletados, foi possível apreender que, entre um entrevistado e outro, alguns sinais-terminos apresentaram mais de um significante para o mesmo referente, como foi o caso de “calafetação”, “carroceria”, “chassi”, “motor”, “solda”, “palete” e “pátio de automóveis”, que apresentaram duas (02) variantes cada um, e “empilhadeira”, que apresentou três (03) variantes. A esse respeito, é interessante mencionar que não observou-se correlação entre as variações e o tempo de aquisição em Libras dos participantes. Conforme mostra o quadro acima, as categorias que mais apresentaram itens terminológicos foram as de instrumentos e peças de automóveis. Nossa hipótese para o número maior de sinais nestes grupos em relação aos outros, é que, como foi relatado por alguns participantes, a transitividade deles dentro da empresa é restrita aos seus setores de lotação, o que os impossibilitam de conhecer todas as etapas da fabricação dos automóveis, assim como máquinas, materiais e procedimentos comuns a outras áreas. No que diz respeito aos instrumentos e peças de automóveis, acreditamos que o conhecimento por parte dos participantes seja maior devido a cinco (05) deles trabalharem na linha de produção, onde lidam com uma variedade maior de peças e instrumentos, o que lhes possibilitaram relatar um número maior de unidades terminológicas.

Conforme já apresentado nesta pesquisa, a coleta dos sinais-terminos se deu em razão da proposta de elaboração de um glossário com os termos técnicos da área industrial de montagem de automóveis. Para a elaboração deste instrumento terminográfico, convém apresentar definições, conceitos e organização estrutural referentes ao glossário de modo a situar o leitor do que é e como se estrutura a obra resultante desta pesquisa.

GLOSSÁRIO

Neste capítulo, apresentaremos definições do que é o instrumento glossário e quais os métodos utilizados para a sua composição, apontando as características que o diferenciam do dicionário geral. Abordaremos, ainda, os aspectos da macro e microestrutura como principais estratégias de organização das obras de referência, situando-as no contexto do glossário elaborado e apresentado ao final deste capítulo.

3.1 Definição de glossário

Faulstich (2013) concebe o glossário como um repertório de termos, geralmente unidades de uma área do conhecimento, apresentado em ordem sistêmica ou alfabética, com informação gramatical, definição, registro opcional de contexto de ocorrência do termo e de remissões. Entendemos, então, que o glossário trata-se de um conjunto de unidades lexicais e suas respectivas definições cujos usos são comuns a determinadas áreas específicas do saber. Biderman (1984, p. 139) assim o define: “Pequeno vocabulário, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê.”

Desse modo, ao contrário do dicionário de língua geral, o dicionário terminológico ou glossário não tende a abarcar a totalidade do léxico de uma língua, mas pode se concentrar no léxico especializado. Krieger e Finatto (2004) apresentam as especificidades do dicionário de língua geral e do dicionário terminológico. A começar pelos usuários das duas obras, enquanto o dicionário terminológico prevê um público específico, o de língua geral apresenta público geral. As fontes de coleta para elaboração desses dois instrumentos também diferem entre si, uma vez que são utilizados textos gerais para a produção de dicionários de língua geral e textos de conhecimento especializado para a produção de dicionários terminológicos.

Felten (2016) pontua que os glossários podem ser classificados em monolíngues, semibilíngues, bilíngues ou até trilíngues. Para o autor, os glossários monolíngues apresentam o repertório lexical com as definições das unidades lexicais em apenas uma língua. Já os dicionários semibilíngues apresentam o repertório em uma língua que é caracterizada como língua-fonte e mostra os seus equivalentes em outra língua, no caso, a língua-alvo. No que se refere aos glossários ou dicionários bilíngues, estes, “além de apresentarem as entradas nas duas línguas, possuem os verbetes tanto na língua-fonte, como na língua-alvo [...] Para que o glossário seja efetivamente bilíngue, é importante que os campos existentes no verbete estejam contemplados nas duas línguas envolvidas” (FELTEN, 2016, p. 75). Compreendemos que tal medida facilita a busca tanto para os consulentes que pesquisam a partir da língua-fonte, quanto para os que pesquisam a partir da língua-alvo. O glossário produzido nesta pesquisa caracteriza-se, portanto, como semibilíngue, pois o seu repertório é apresentado em Língua Portuguesa, apresentando equivalente em Libras (língua-alvo) apenas para a entrada, deixando os campos categoria gramatical e definição representados apenas pela língua-fonte, no caso a Língua Portuguesa.

Castillo (1997 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004) esclarece que para a elaboração de um glossário é necessário se atentar para alguns pontos importantes, como a macro e a microestrutura, que definem a organização geral desta obra de referência.

3.2 Macro e microestrutura⁸

No que se refere à estrutura do glossário, a macro e a microestrutura são apresentadas como elementos imprescindíveis para a compilação de uma obra (BIDERMAN, 1984). A esse respeito, Welker (2004) esclarece que a macroestrutura remete à forma geral com que o dicionário ou glossário é organizado, isto é, o modo como as entradas estão organizadas. Nas palavras de Xavier (2011, p. 112), a macroestrutura configura-se como “a lista dos signos que serão definidos, a qual varia de acordo com a finalidade da obra”. Compreendemos que ela também define elementos como a quantidade de palavras-entrada, a forma de apresentação dos verbetes, se são por ordem alfabética ou por temática, se os verbetes possuem o mesmo formato, e se há ilustrações gráficas ou tabelas.

A microestrutura, por sua vez, é, ainda nas palavras de Xavier (2011), o conjunto de elementos que compõem o artigo lexicográfico, coincidindo com a ficha lexicográfi-

⁸ Tema discutido sob forma de comunicação oral no VII Simpósio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, UFTM, 2019. Disponível em: https://sell2019.com.br/CADERNO_DE_RESUMOS_SELL_03_09_19_FINAL.pdf.

ca ou terminológica. Rey-Debove (1971 *apud* WELKER, 2004) define a microestrutura como “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”. Conforme pontua Biderman (1984), a microestrutura deve ser apresentada de forma padronizada em todos os verbetes que compõem o instrumento lexicológico ou terminográfico.

No glossário, a macroestrutura será composta por sessenta e seis (66) entradas apresentadas em ordem alfabética da Língua Portuguesa, organizadas em categorias lexicais formadas pelas unidades terminológicas apreendidas no processo de entrevistas. As categorias são: etapas de fabricação de veículos, instrumentos, máquinas, materiais e peças de automóveis. A escolha pela apresentação dos termos conforme tais categorias se dá devido à facilitação da consulta ao glossário pelos consulentes surdos e ouvintes do setor automobilístico. E no que se refere à escolha por seguir a ordem alfabética da Língua Portuguesa, esclarecemos que neste trabalho não faremos uso de nenhuma das escritas da Língua Brasileira de Sinais, tendo em vista que o seu domínio ainda é restrito apenas a algumas comunidades surdas. Além disso, pretendemos que o material seja consultado também por pessoas não-surdas que se interessem pela comunicação em Libras e que atuem no setor automobilístico ou áreas afins.

Já a microestrutura poderá ser observada na ficha terminológica, que funciona como um elemento importante na produção de um dicionário ou glossário, pois é ela que dá a organização necessária para a apresentação dos verbetes. Krieger e Finatto (2004, p. 136) reconhecem a ficha terminológica como o “núcleo de informações acerca de um termo ou expressão sob estudo”. É por meio dela que se obtêm todas as informações para a composição de um verbete. Dentro dos estudos Terminológicos e Terminográficos, existem inúmeros modelos de fichas adotadas nos mais diversos trabalhos. Apesar de cada trabalho ser contemplado por um modelo específico que venha a atender de maneira mais eficaz às demandas dos consulentes, há de se compreender que as fichas terminológicas devem ser bem estruturadas para que todas as informações que comporão determinado verbete sejam fáceis de se localizar (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Castillo (1997 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004) pontua que o modo como os dados serão organizados constitui uma tarefa importante para a elaboração de dicionários e glossários. Para tanto, o autor considera essencial o estudo de modelos e tipos de fichas terminológicas até que se encontre a que seja mais viável ao tipo de trabalho. No que se refere às fichas terminológicas, Faulstich (1995) as compara com a certidão de nascimento do termo, pois é através delas que os termos recebem o registro no glossário.

Neste trabalho, a ficha terminológica adotada na composição do glossário terá o seguinte modelo:

Quadro 2 - Ficha Terminológica Português/Libras

Entrada em Língua Portuguesa
Categoria gramatical em Língua Portuguesa (substantivo/verbo/lexia composta)
Definição em Língua Portuguesa
Sinal-termo em Libras (imagem do sinal)
Descrição em Língua Portuguesa
Variação em Libras (imagens das variantes)
Ilustração (imagem do referente)

Tuxi (2015) explica que no campo referente à entrada, no glossário bilíngue Libras/Português, é apresentado o sinal-termo em foto. No caso deste trabalho, apresentamos primeiramente a entrada em Língua Portuguesa, a categoria gramatical também em Língua Portuguesa e posteriormente apresentamos a definição do termo. No campo definição, apresentamos também em Língua Portuguesa, a descrição do significado do termo registrado de acordo com as acepções encontradas em dicionários de língua geral, como Aurélio (FERREIRA, 2014) e em glossários de termos técnicos em Libras das áreas de eletromecânica (MACHADO; NUNES; TEZZA, 2012), eletricidade (SENAI, 2009) e dicionário técnico automotivo (FIAT, 2012).

Ressaltamos que os termos cujas acepções encontradas não apresentaram significados específicos da área foram definidos por nós de acordo com informações obtidas em conversas informais com funcionários ouvintes da empresa. Já no campo categoria gramatical, informamos apenas a categoria geral, desacompanhada de subclassificações, julgadas acessórias neste trabalho. Foram encontrados trinta e sete (37) substantivos, vinte e cinco (25) lexias compostas⁹ e quatro (04) verbos. No campo sinal-termo, apresentamos a imagem do significante na Libras, e abaixo, fazemos a descrição do sinal em Língua Portuguesa.

No que diz respeito às descrições dos sinais-termos, optamos por seguir o modelo de descrição fonológica proposto por Barros (2015), alterando apenas a Configuração de Dedo (CD), que foi proposta pela autora para atender a uma necessidade específica do Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais, que nesta pesquisa foi substituída pela Configuração de Mão (CM), que, acrescida de Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M) e Expressão Não-Manual (ENM), formam os cinco grupos que compõem o sinal na Libras. As CMs seguirão a tabela apresentada a seguir:

⁹ Foi possível perceber lexias compostas formadas por substantivo e locução substantiva (23 casos) e substantivo, adjetivo e locução substantiva (02 casos).

Imagem 1: Tabela de Configuração de Mãos (CMs).



Fonte: Elaborada por Pimenta e Quadros (2006, p. 73).

Considerando a existência dos sinais bimanuais, conceituados por Barros (2015) como aqueles que utilizam as duas mãos para a sinalização, as descrições também seguirão os parâmetros anteriormente mencionados, especificando cada um deles de acordo com a mão dominante (MD) e a mão não dominante (MND) (BARROS, 2015).

O campo variação foi composto pelas variantes dos sinais-termos de acordo com as informações prestadas pelos entrevistados nesta pesquisa. Houve fichas em que o campo variação foi composto por mais de um sinal, nestes casos, identificamos como variante 1, variante 2 e assim por diante. No que se refere à ilustração¹⁰, julgamos necessária por facilitar a compreensão dos consulentes surdos, que identificarão os signi-

¹⁰ As imagens utilizadas no campo ilustração da ficha terminológica foram fotografadas pela pesquisadora.

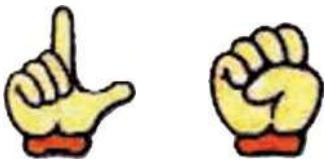
ficados dos termos com mais facilidade. Em vista disso, buscamos fotografar os objetos e ações para ilustrar os sinais-termos, no entanto, alguns termos, aqueles cujos significantes eram específicos do setor, a ilustração não é apresentada devido à falta de autorização para adentrarmos à empresa, e, por isso, as lexias “carroceria”, “chassi”, “elevador da linha de produção”, “liberação”, “linha de produção”, “empilhadeira”, “laser”, “rebo-cador” “robô de pintura”, “robô de computador”, “robô de peças”, “teste”, “transportador” e “túnel” não apresentaram o campo ilustração na ficha terminológica do glossário.

O público ao qual este trabalho se destina são os funcionários surdos e ouvintes de empresas automobilísticas. Apesar de o estudo ter sido realizado em Catalão-GO, almejamos que o material produzido possa alcançar funcionários de outras empresas do ramo a fim de promover o conhecimento dos sinais-termos criados e utilizados no setor automobilístico da cidade.

3.3 Glossário de sinais-termos utilizados em uma empresa do ramo automobilístico de Catalão-GO

ETAPAS DE FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS

Entrada	Abastecimento
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	Uma das etapas da fase final da produção de veículos, que consiste na inserção de combustível, óleo hidráulico, de carga de ar condicionado, de freio e embreagem, água de limpador de para-brisas e <i>coolant</i> , para inspeção interna e externa, ajustes e regulagens dos automóveis.
Sinal-termo	

<p>Descrição</p>  <p>38 08</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 38. CM da MND: 08. • OP da MD e da MND: em direção ao corpo. • PA da MD: dedo indicador fixado no indicador da MND. • PA da MND: em espaço neutro frente ao corpo • M da MD e da MND: não há. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve.</p>
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Liberação</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>Etapa da produção de veículos em que, após um conjunto de procedimentos, o automóvel é autorizado a seguir para a etapa seguinte.</p>
<p>Sinal-termo</p>	
<p>Descrição</p>  <p>42</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM MD e MND: 42. • OP: MD para a esquerda e MND para a direita. • PA: MD com ponta dos dedos polegar e médio encostados e MND com as pontas dos dedos polegar e médio encostadas, entrelaçando com dedos da mão dominante.

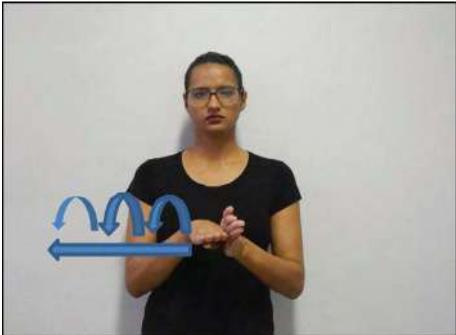
	<ul style="list-style-type: none"> • M: MD abrindo dedos polegar e médio e se soltando da MND e fazendo o mesmo movimento com a MND em relação à MD. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Linha de Produção
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Forma de produção em série na qual os funcionários desenvolvem funções específicas e repetidas.
Sinal-termo	
Descrição  53	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 53. • OP da MD e da MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada atrás da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada à frente da mão dominante. • M da MD: semicircular, três repetições para trás. • M da MND: não há. ENM: não há.

Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Pátio de automóveis ¹¹
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Local onde os veículos são depositados após a fabricação.
Sinal-termo	
Descrição  53	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 53. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão não dominante, encostando os dois dedos indicadores. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante encostando os dois dedos indicadores. • da MD: semicircular, três repetições para a direita. • M da MND: não há. • ENM: não há.

¹¹ Ficha terminológica apresentada no I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia das Línguas de Sinais, 2019. Disponível nos anais do evento <https://www.academia.edu/42210154/Anais_do_I_CILLTTLs?auto=download>.

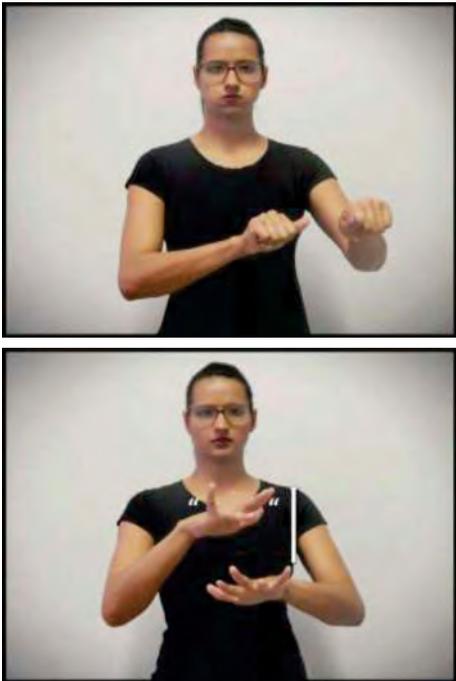
<p>Variação</p>	
<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>53</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>56</p> </div> </div>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 53. • OP da MD: para baixo. • OP da MND: para a esquerda. • PA da MD: em espaço neutro, com a lateral do dedo indicador fixada na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD: semicircular, três repetições para a esquerda. • M da MND: não há. • ENM: não há.
<p>Ilustração</p>	

Entrada	Pintura ¹²
Categoria Gramatical	Substantivo

¹² Ficha terminológica apresentada no I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia das Línguas de Sinais, 2019. Disponível nos anais do evento < https://www.academia.edu/42210154/Anais_do_I_CILLTTLs?auto=download>.

Definição	“Ato ou efeito de pintar [...] Revestimento de uma superfície com matéria corante” (FERREIRA, 2014, p. 1638).
Sinal-termo	
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 55. CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: em espaço neutro, com as pontas dos dedos posicionados frente à palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, com as pontas dos dedos para frente. • M da MD: semicircular, duas repetições para cima. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Polimento
Categoria Gramatical	Substantivo

<p>Definição</p>	<p>Etapa eventual da fabricação de veículos, que visa à eliminação de riscos e danos da pintura.</p>
<p>Sinal-termo</p>	
<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>01</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>61</p> </div> </div>	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 01. • CM da MND: 01. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada a frente da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada atrás da mão dominante. • M da MD: retilíneo, duas repetições para trás. • M da MND: retilíneo, duas repetições para trás. • ENM: Bochechas infladas. <p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 61. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada acima da mão não dominante.

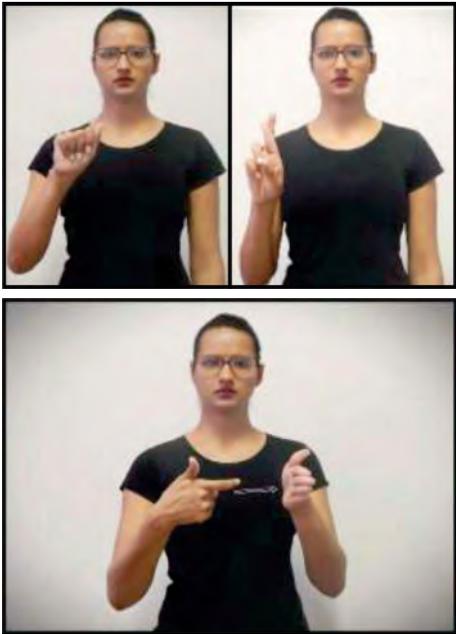
	<ul style="list-style-type: none"> • PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante. • M da MD e MND: retilíneo para cima, tamborilando os dedos. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Teste
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	Etapa da fabricação de veículos que consiste na verificação da existência de trepidação, suspensão, ressonância e ângulo de giro do automóvel para ser liberado para a venda.
Sinal-termo	

<p>Descrição</p>  <p>26</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 26. • OP: em direção ao rosto. • PA: ponta dos dedos tocando a bochecha. • M: retilíneo, duas repetições tocando a bochecha. • ENM: Não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Túnel</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>Local em que os automóveis, enfileirados, ainda em processo de montagem, são suspensos até determinada altura, de modo a facilitar o trabalho de montagem da parte inferior do veículo.</p>
<p>Sinal-termo</p>	
<p>Descrição</p>  <p>56</p>  <p>28</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 28. • CM da MND: 56. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: ponta dos dedos tocando o dorso da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante. • M da MD e MND: retilíneo para a esquerda. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	
<p>Ilustração</p>	

INSTRUMENTOS

Entrada	Apertadeira elétrica
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e adjetivo.
Definição	Instrumento movido à bateria recarregável, utilizado para apertar parafusos com maior eficiência e rapidez em relação à apertadeira manual.
Sinal-termo	
Descrição	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM: 01. • OP: para frente. • PA: neutro. • M: não há. • ENM: não há. <p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM: 34. • OP: para frente. • PA: neutro. • M: não há. • ENM: não há.

	<p>Sinal 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 32. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: dedo indicador curvado tocando a palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD: retilíneo em direção a palma da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Chave de fenda
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	“Ferramenta utilizada para apertar e desapertar parafusos de fenda” (MACHADO; NUNES; TEZZA, 2012, p. 38).
Sinal-termo	

<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>15</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>56</p> </div> </div>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 15. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a esquerda. • PA da MD: ponta do dedo indicador fixada na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD: semicircular para frente, girando dedo e punho simultaneamente. • M da MND: não há. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Ferro de solda</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Lexia composta por substantivo e locução substantiva.</p>
<p>Definição</p>	<p>“Ferramenta utilizada para soldar peças e condutores elétricos” (MACHADO; NUNES; TEZZA, 2012, p. 98).</p>
<p>Sinal-termo</p>	

<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>38</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>14</p> </div> </div>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 38. • CM da MND: 14. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: ponta dos dedos polegar e indicador tocando a ponta do dedo indicador da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD: movimento de pinça com os dedos indicador e polegar. • M da MND: não há. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Lixa</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>“Papel ao qual se aglutina substância abrasiva, usado para polir metais, madeiras, etc.” (FERREIRA, 2014, p. 1280).</p>
<p>Sinal-termo</p>	

<p>Descrição</p>  <p>01</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 01. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada à frente da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada atrás da mão dominante. • M da MD e MND: retilíneo, afastando do corpo e trazendo de volta. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Lixadeira elétrica</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Lexia composta por substantivo e adjetivo.</p>
<p>Definição</p>	<p>“Instrumento, máquina ou aparelho próprio para lixar” (FERREIRA, 2014, p. 1280).</p>
<p>Sinal-termo</p>	
<p>Descrição</p>  <p>01</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 01. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada à frente da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada atrás da mão dominante.

	<ul style="list-style-type: none"> • M da MD e MND: retilíneo, afastando do corpo e trazendo de volta. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Palete
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Plataforma de madeira sobre a qual se empilha carga a fim de transportar em bloco grande quantidade de material” (FERREIRA, 2014, p. 1542).
Sinal-termo	
Descrição	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 53. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, com o cotovelo apoiado sobre o dorso da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, com o antebraço deitado servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: circular, girando a mão e o punho. • M da MND: não há. • ENM: não há.



53



54

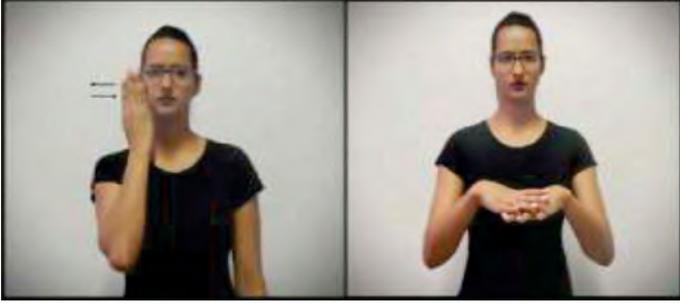
	<p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 54. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, apoiada sobre o dorso da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante. • M da MD e MND: não há. • ENM: não há
<p>Variação</p>	
<p>Descrição</p>	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM: 53. • OP: para trás. • PA: dedo mínimo tocando a bochecha. • M: retilíneo, duas repetições tocando a bochecha. • ENM: não há. <p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 54. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, apoiada sobre o dorso da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante. • M da MD e MND: não há. • ENM: não há.

Ilustração	
-------------------	------------------------------------------------------------------------------------

Entrada	Parafusadeira
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	Instrumento utilizado para atarraxar parafusos em superfícies.
Sinal-termo	
Descrição  37  29	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 37. • CM da MND: 29. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para cima. • PA da MD: em espaço neutro, apoiada sobre a palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: retilíneo para cima e depois apoia novamente na mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.

<p>Variação</p>	
<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>32</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>58</p> </div> </div>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 32. • CM da MND: 58. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para cima. • PA da MD: em espaço neutro, acima da palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para o movimento da mão dominante. • M da MD: retilíneo para baixo, apoiando-se na palma da mão não dominante. • M da MND: não há.
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Parafuso</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>“Elemento de fixação, com filetes externos em forma helicoidal, usados na montagem de conjuntos mecânicos” (MACHADO; NUNES; TEZZA, 2012, p. 109).</p>

Sinal-termo	
Descrição  15  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 15. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a esquerda. • PA da MD: ponta do dedo indicador fixada na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD: semicircular para frente, girando dedo e punho. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Pinça de solda
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Instrumento que junta partes metálicas de estampa-ria do veículo, como o teto, fixando-as.

<p>Sinal-termo</p>	
<p>Descrição</p>  <p>13</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 13. • OP da MD: para baixo. • OP da MND: para cima. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada acima da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante. • M da MD: retilíneo para baixo, unindo as pontas dos dedos indicadores de ambas as mãos. • M da MND: retilíneo para cima, unindo as pontas dos dedos indicadores de ambas as mãos. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Politriz</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>Instrumento utilizado na eliminação de relevos e arranhões da pintura dos automóveis.</p>

Sinal-termo



Descrição



01



61

Sinal 1:

- CM da MD e MND: 01.
- OP da MD e MND: para baixo.
- PA da MD: em espaço neutro, posicionada a frente da mão não dominante.
- PA da MND: em espaço neutro, posicionada atrás da mão dominante.
- M da MD e MND: retilíneo, duas repetições para trás.
- ENM: Bochechas infladas.

Sinal 2:

- CM da MD e MND: 61.
- OP da MD E MND: para baixo.
- PA da MD: em espaço neutro, posicionada acima da mão não dominante.
- PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante.

	<ul style="list-style-type: none"> • M da MD e MND: retilíneo para cima, tamborilando os dedos. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Revólver de pintura
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Instrumento de formato similar ao de um revólver, utilizado na pintura manual.
Sinal-termo	
Descrição  32  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 32. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: dedo indicador curvado ao lado da palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD: semicircular para cima, em frente a palma da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.

Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Spray de pintura
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	“Jato gasoso de aerossol ou de líquido, que se espalha como névoa, ou que é aplicado sobre uma superfície” (FERREIRA, 2014, p. 1967).
Sinal-termo	
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 55. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: pontas dos dedos em direção à palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD: semicircular para cima, duas repetições, em direção a palma da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.



55



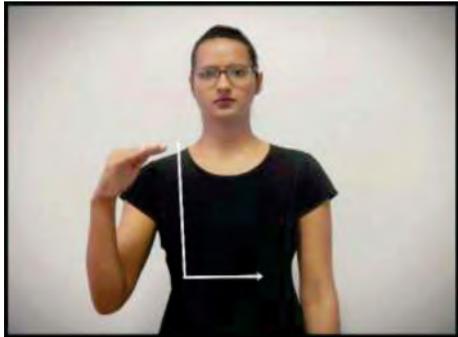
56

Variação	Não houve
Ilustração	

MÁQUINAS

Entrada	Elevador de carros
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Equipamento de suspensão dos veículos de modo a possibilitar a montagem da sua parte inferior.
Sinal-termo	
Descrição 	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 48. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: retilíneo para cima. • ENM: não há.
Variação	Não houve

Ilustração	
-------------------	------------------------------------------------------------------------------------

Entrada	Elevador da linha de produção
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Equipamento que transporta as carrocerias para a linha de produção a fim de dar início ao processo de montagem.
Sinal-termo	
Descrição  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM:56. • OP: para baixo. • PA: em espaço neutro, posicionada na altura do ombro. • M: retilíneo para baixo até a altura do abdômen e em seguida, ainda retilíneo, para frente. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Empilhadeira
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Máquina automóvel destinada a empilhar e arrumar carga [...]” (FERREIRA, 2014, p. 777).
Sinal-termo	
Descrição  56  50	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 50. • CM da MND: 56. • OP da MD: para baixo. • OP da MND: para frente. • PA da MD: dedo indicador tocando o cotovelo do braço não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada com o antebraço levantado. • M da MD: retilíneo, para cima, em direção à palma da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variante 1	

<p>Descrição</p>  <p>56</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD e MND: para cima. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: retilíneo para cima. • ENM: não há.
<p>Variante 2</p>	
<p>Descrição</p>  <p>50</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 50. • OP: para cima. • PA: em espaço neutro, posicionada em frente ao abdômen. • M: retilíneo para cima. • ENM: não há.
<p>Ilustração</p>	

Entrada	Laser
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	Instrumento com feixe de luz que corta peças de metal.

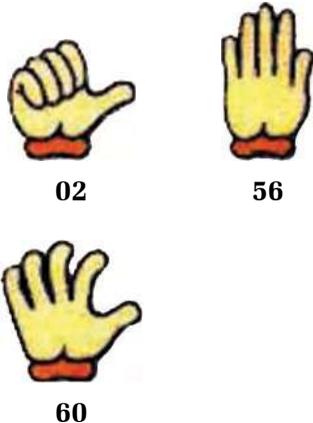
Sinal-termo	
Descrição  04  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 04. • CM da MND: 56. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: dedo mínimo posicionado acima do dorso da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante. • M da MD: circular horizontal acima do dorso da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Termo	Rebocador
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	Equipamento que transporta cargas de materiais como ferros e caixas de grande peso.

<p>Sinal-termo</p>	
<p>Descrição</p>  <p>12</p>  <p>22</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 12. • CM da MND: 22. • OP da MD: para baixo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: dedo indicador curvado tocando o indicador da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: retilíneo para a direita. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	
<p>Descrição</p>  <p>12</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 12. • OP da MD: para cima. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: dedo indicador curvado encaixado no dedo indicador também curvado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, encaixada na mão dominante.

	<ul style="list-style-type: none"> • M da MD e MND: retilíneo para a direita. • ENM: não há.
Ilustração	

Entrada	Robô de peças
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Equipamento de alta tecnologia que desempenha a função de pegar e colocar peças em seus devidos lugares durante o processo de montagem.
Sinal-termo	
Descrição  12  01	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 12. • CM da MND: 01. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: cotovelo apoiado no dorso da mão não dominante e mão posicionada com o dedo indicador curvado. • PA da MND: posicionada próximo ao tronco de modo a servir de apoio para a mão dominante. • M da MD: retilíneo para baixo. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Robô de computador
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Equipamento tecnológico que realiza testes dos veículos através de comandos do computador.
Sinal-termo	
Descrição 	Sinal 1: <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 01. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para cima. • PA da MD: apoiada sobre a palma da mão não dominante. • PA da MND: posicionada em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: semicircular para baixo. • M da MND: não há. • ENM: não há.

	<p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 60 • OP da MD e MND: para baixo • PA da MD: em espaço neutro, ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: tamborilando dos dedos. • ENM: não há.
Ilustração	

Entrada	Robô de pintura
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Equipamento utilizado na pintura inicial da carroceria através de jatos de tinta.
Sinal-termo	
<p>Descrição</p>  <p>55</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 55. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro, frente ao corpo, com os dedos em direção aos dedos da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, frente ao corpo, com os dedos em direção aos dedos da mão dominante.

	<ul style="list-style-type: none"> • M da MD e MND: retilíneo, duas repetições aproximando e afastando do corpo. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Transportador
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	Equipamento utilizado para movimentar peças de um local para outro através de uma esteira suspensa.
Sinal-termo	
Descrição  42  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 42. • CM da MND: 56. • OP da MD: para baixo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: em espaço neutro, com os dedos polegar e médio encaixados na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, encaixada na mão dominante. • M da MD e MND: retilíneo para a esquerda. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

MATERIAIS

Termo	Borracha
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Substância elástica feita do látex coagulado de várias plantas, como seringueira, caucho, goma-elástica, etc.” (FERREIRA, 2014, p. 339).
Sinal-termo	
Descrição  01  14	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 01. • CM da MND: 14. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: apoiada sobre a ponta do dedo indicador da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: retilíneo, em direção ao dorso da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Caixa
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Recipiente ou receptáculo de madeira, papelão, metal ou outro material, com tampa ou sem ela, com faces geralmente retangulares ou quadradas [...]” (FERREIRA, 2014, p. 385).
Sinal-termo	
Descrição  56	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: em espaço neutro, frente ao corpo, ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, frente ao corpo, ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: não há. • ENM: não há. <p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro, frente ao corpo, à frente da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, frente ao corpo, atrás da mão dominante. • M da MD e MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve

Ilustração	
-------------------	------------------------------------------------------------------------------------

Entrada	Ferro
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Elemento de número atômico 26, metálico, branco-acinzentado, duro, tenaz, reativo, o qual forma ligas que têm aplicações importantes” (FERREIRA, 2010, p. 935).
Sinal-termo	
Descrição  04  01	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 04. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: dedo mínimo posicionado no dorso da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante. • M da MD: retilíneo, duas repetições para cima. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve

Ilustração	
-------------------	------------------------------------------------------------------------------------

Entrada	Fita adesiva isolante
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e dois adjetivos.
Definição	“Fita plástica isolante, para proteção elétrica e mecânica em emendas e terminais” (SENAI, 2009, p. 38).
Sinal-termo	
Descrição  01  36	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 01. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: dedo polegar posicionado na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD: retilíneo, para baixo, deslizando na palma da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve

Ilustração	
-------------------	------------------------------------------------------------------------------------

Entrada	Máscara
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Proteção individual do aparelho respiratório em trabalhos agressivos” (MACHADO; NUNES; TEZZA, 2012, p. 97).
Sinal-termo	
Descrição  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 56. • OP: em direção ao rosto. • PA: palma da mão posicionada no nariz. • M: não há ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

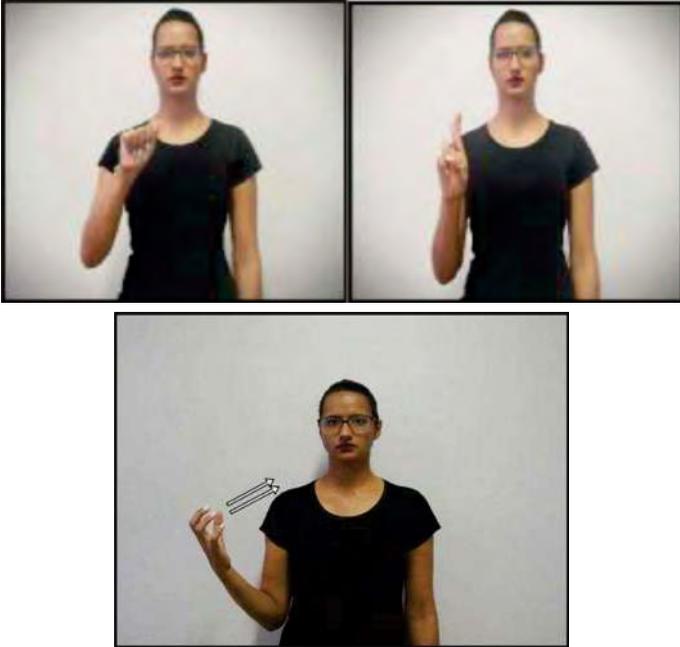
Entrada	Plástico
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Material que tem propriedade de adquirir determinadas formas sensíveis, por efeito de uma ação exterior” (FERREIRA, 2010, 1653).
Sinal-termo	
Descrição  41	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 41. • OP: em direção ao rosto. • PA: dedo médio fixado acima do lábio superior. • M: retilíneo, duas repetições, afastando do rosto. • ENM: não há.
Variação	
Descrição  42	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 42. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante.

	<ul style="list-style-type: none"> • M da MD e MND: semicircular lateral. • ENM: não há.
Ilustração	

Entrada	Vidro
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Substância sólida, transparente e quebradiça [...]” (FERREIRA, 2010, p. 2157).
Sinal-termo	
Descrição  49  07	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 60. • OP: em direção ao rosto. • PA: posicionada em espaço neutro próximo ao ombro. • M: retilíneo, duas repetições em direção ao rosto. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

PEÇAS DE AUTOMÓVEIS

Entrada	Alto falante
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	“Transdutor eletroacústico que transforma um sinal de audiofrequência numa onda sonora” (FERREIRA, 2014, p. 114).
Sinal-termo	
Descrição  60	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 60. • OP: em direção ao rosto. • PA: posicionada em espaço neutro próximo ao ombro. • M: retilíneo, duas repetições em direção ao rosto. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Ar condicionado
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e adjetivo.
Definição	“Sistema no qual um gás refrigerante é enviado, sob pressão, por um compressor alternativo, acionado pelo motor, o qual sofre elevação de temperatura” (FIAT, 2012, p. 09).
Sinal-termo	
Descrição	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM: 01. • OP: para frente. • PA: neutro. • M: não há. • ENM: não há. <p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM: 36. • OP: para frente. • PA: neutro. • M: não há. • ENM: não há.



01



34

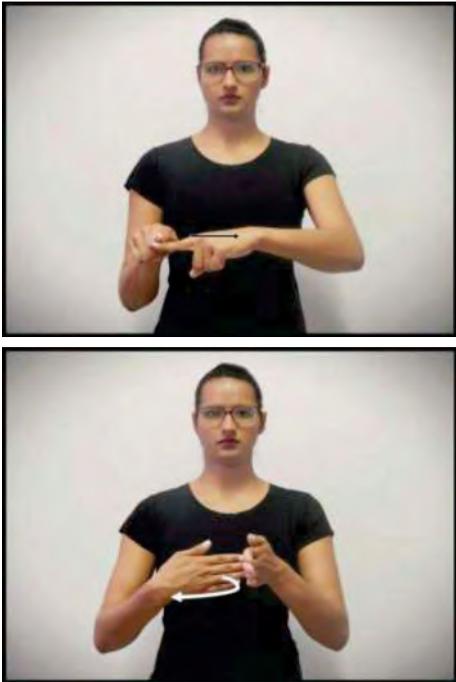
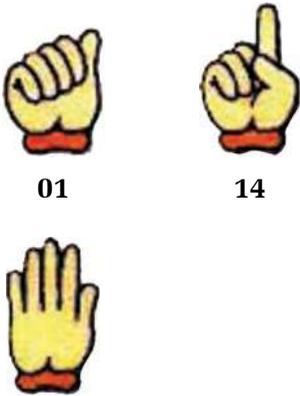


60

	<p>Sinal 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM: 60. • OP: em direção ao rosto. • PA: posicionada em espaço neutro próximo ao ombro. • M: retilíneo, duas repetições em direção ao rosto. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Assoalho
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	Parte inferior do veículo que compõe a carroceria.
Sinal-termo	
<p>Descrição</p>  <p>56</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD: para cima. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: palma da mão diagonal apoiada na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada horizontalmente acima da mão dominante.

	<ul style="list-style-type: none"> • M da MD: semicircular para cima, deslizando abaixo da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	
<p>Descrição</p>  <p>56</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD: para cima. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: palma da mão posicionada abaixo da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada acima da mão dominante. • M da MD: retilíneo para cima, fixando-se na mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.
<p>Ilustração</p>	

Entrada	Borracha de porta
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Material de substância elástica feita do látex fixado nas portas dos automóveis a fim de vedar a passagem de detritos.
Sinal-termo	
Descrição 	Sinal 1: <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 01. • CM da MND: 14. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: apoiada sobre a ponta do dedo indicador da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: retilíneo, em direção ao dorso da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.

	<p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: pontas dos dedos fixados na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: retilíneo, duas repetições em direção às pontas dos dedos da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Câmbio
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Componente utilizado para multiplicar o torque gerado pelo motor e adequar sua velocidade de rotação às rodas” (FIAT, 2012, p. 16).
Sinal-termo	

<p>Descrição</p>  <p>01</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 01. • OP: para baixo. • PA: espaço neutro frente ao corpo. • M: zigzag. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

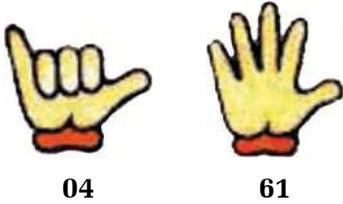
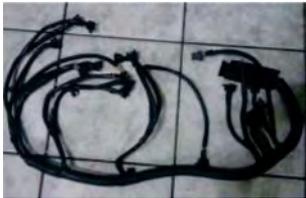
<p>Entrada</p>	<p>Carroceria</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>Parte de ferro que compõe a estrutura do veículo por meio do processo de soldagem das laterais, teto e assoalho.</p>
<p>Sinal-termo</p>	
<p>Descrição</p>  <p>56</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: palma da mão posicionada acima do dorso da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante. • M da MD: retilíneo para baixo, fixando-se no dorso da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.

Variação	
Descrição  43	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 43. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: em espaço neutro, acima dos ombros, posicionada ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, acima dos ombros, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: tocar as pontas dos dedos polegar e médio duas vezes. • ENM: não há.
Ilustração	

Entrada	Chassi
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Estrutura, geralmente em aço, sobre a qual se monta toda a carroçaria do veículo” (FIAT, 2012, p. 21).
Sinal-termo	

<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>53</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>33</p> </div> </div>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 33. • CM da MND: 56. • OP da MD: para baixo. • OP da MND: para frente. • PA da MD: em espaço neutro com os dedos indicador e médio fixados na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: ondular M da MND: não há. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	
<p>Descrição</p> <div style="text-align: center;">  <p>49</p> </div>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 49. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD e MND: em espaço neutro, posicionada a frente do corpo. • M da MD e MND: ondular em direção ao corpo. • ENM: não há.
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Chicote</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>Junção de fios responsáveis pelo funcionamento elétrico do veículo.</p>

<p>Sinal-termo</p>	
<p>Descrição</p> 	<ul style="list-style-type: none"> • Sinal 1: • CM da MD e MND: 04. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro, ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: circular vertical. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

Entrada	Conector da mangueira do radiador
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locuções substantivas.
Definição	Peça que conecta a mangueira do radiador ao radiador.
Sinal-termo	
Descrição  27	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 27. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro com as pontas dos dedos fixadas nas pontas dos dedos da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: retilíneo, duas repetições tocando as pontas dos dedos nas pontas dos dedos da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Farol
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Lanterna de automóveis” (FERREIRA, 2014, p. 920).
Sinal-termo	
Descrição  22  61	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 22. • OP da MD e MND: para frente. • PA da MD e MND: em espaço neutro. • M da MD e MND: abrindo em CM 61. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

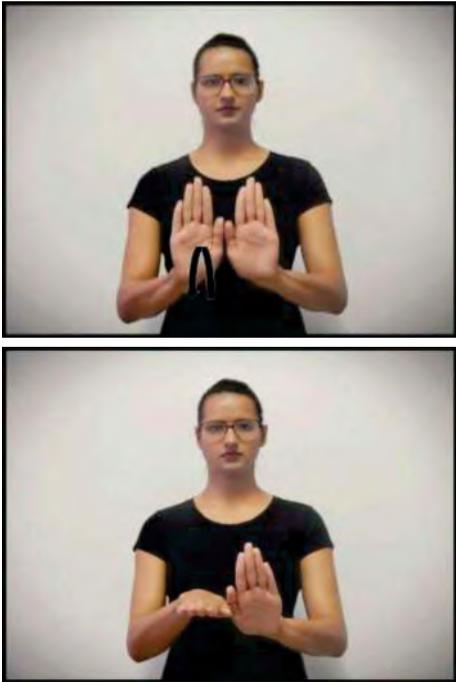
Entrada	Freio
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Dispositivo para moderar ou fazer cessar o movimento de maquinismos ou veículos; breque, travão” (FERREIRA, 2014, p. 938).
Sinal-termo	
Descrição  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD e MND: para frente. • PA da MD: em espaço neutro ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro ao lado da mão dominante. • M da MD: descendo. M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve

Ilustração	
-------------------	------------------------------------------------------------------------------------

Entrada	Mangueira inferior do radiador
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo, adjetivo e locução substantiva.
Definição	Suporte que conduz água do motor para o radiador e vice-versa.
Sinal-termo	
Descrição  22	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 22. • OP da MD e MND: para baixo • PA da MD: em espaço neutro, com indicador fixado no indicador da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro. • M da MD: retilíneo para a esquerda. • M da MND: retilíneo para a direita. • ENM: não há.
Variação	
Ilustração	

Entrada	Mola
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Elemento utilizado em amortecimentos e propulsão em conjuntos mecânicos” (MACHADO; NUNES; TEZZA, 2012, p. 99).
Sinal-termo	
Descrição  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD: para baixo. • OP da MND: para cima. • PA da MD: em espaço neutro acima da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro abaixo da mão dominante. • M da MD: retilíneo, duas vezes para baixo. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Motor
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Que faz mover; determinante ou causante [...] que faz mover. [...] motor de gasolina: combustão interna em que a ignição de mistura de combustível de ar é provocada por vela de ignição” (FERREIRA, 2014, p. 1431).
Sinal-termo	
Descrição  14  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 56. • CM da MND: 14. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão não dominante. • PA da MND: dedo indicador fixado na palma da mão dominante. • M da MD: fibrilar. M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	

<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>07</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>36</p> </div> </div>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 07. • CM da MND: 36. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: posicionada abaixo da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada acima da mão dominante. • M da MD: fibrilar rotacional. • M da MND: não há. • ENM: não há.
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Painel</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>Parte fixada no interior da parte frontal do veículo na qual são alocados o volante, o aparelho de som, os reguladores de ar condicionado e outros itens.</p>
<p>Sinal-termo</p>	

<p>Descrição</p>  <p>57</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 57. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro, ponta dos dedos para baixo, ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, ponta dos dedos para baixo, ao lado da mão dominante. • M da MD: retilíneo para a esquerda. • M da MND: retilíneo para a direita. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Para-choque</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>“Barra ou lâmina de aço fixada horizontalmente à frente e na traseira dos automóveis para proteger a carroceria contra choques” (FERREIRA, 2014, p. 1558).</p>
<p>Sinal-termo</p>	

<p>Descrição</p>  <p>57</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 57. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro, ponta dos dedos para baixo, ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, ponta dos dedos para baixo, ao lado da mão dominante. • M da MD: ondular para a esquerda. • M da MND: ondular para a direita. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

<p>Entrada</p>	<p>Peça</p>
<p>Categoria Gramatical</p>	<p>Substantivo</p>
<p>Definição</p>	<p>“Parte ou pedaço de um todo indiviso. Cada uma das partes ou elementos de um conjunto, de um mecanismo, de uma coleção” (FERREIRA, 2014, p. 1588).</p>
<p>Sinal-termo</p>	



Descrição



50



29



01

Sinal 1:

- CM: 50.
- OP: para frente.
- PA: neutro.
- M: não há.
- ENM: não há.

Sinal 2:

- CM: 29.
- OP: para frente.
- PA: neutro.
- M: fibrilar.
- ENM: não há.

Sinal 3:

- CM: 01.
- OP: para frente.
- PA: neutro.
- M: não há.
- ENM: não há.

Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Porta do carro
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Dispositivo fixado nas laterais dos automóveis que permite a entrada e saída do interior do veículo.
Sinal-termo	
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: pontas dos dedos fixados na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: retilíneo, duas vezes em direção às pontas dos dedos da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.



56

Variação	
Descrição  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 56. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro com as pontas dos dedos em direção às pontas dos dedos da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro com as pontas dos dedos em direção às pontas dos dedos da mão dominante. • M da MD e MND: retilíneo, elevando as pontas dos dedos para frente. • ENM: não há.
Ilustração	

Entrada	Pneu ¹³
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Em sua apresentação convencional, é caracterizado por uma estrutura resistente, chamada carcaça, formada por várias telas sobrepostas e cruzadas, que também podem estar dispostas no sentido radial” (FIAT, 2012, p. 63).

¹³ Ficha terminológica apresentada no trabalho Libras e Linguística de Corpus: análise de sinais-termos da indústria automobilística, 2020. Disponível em: <<https://www.letraria.net/estudos-exploratorios-em-linguistica-de-corpus/>>.

Sinal-termo	
Descrição  13	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 13. • OP: em direção ao rosto. • PA: dedo indicador fixado na bochecha. • M: não há. • ENM: bochecha inflada.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Radiador
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	<p>“Componente que realiza uma troca de calor ar-água ou ar-óleo. É constituído de dois recipientes ligados a um ‘pacote radiante’, formado por uma série de fileiras de tubulações metálicas, ligadas por aletas transversais, pelas quais passa o ar” (FIAT, 2012, p. 67).</p>

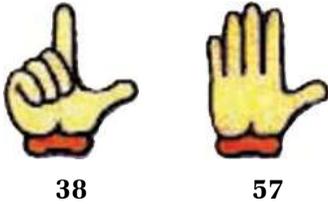
<p>Sinal-termo</p>	
<p>Descrição</p> 	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM: 38. • OP: para a esquerda. • PA: dedo polegar fixado no queixo. • M: elevação do dedo indicador, duas repetições. • ENM: não há. <p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 57. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: não há. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>

Ilustração	
-------------------	------------------------------------------------------------------------------------

Entrada	Tampa do radiador
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Material redondo de plástico resistente com rosca interna utilizado para tapar o radiador.
Sinal-termo	
Descrição  39	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 59. • OP: para baixo. • PA: em espaço neutro frente ao corpo. • M: rotacional para a direita. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Ventilador do radiador
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e locução substantiva.
Definição	Dispositivo que refrigera o radiador, evitando o seu aquecimento.
Sinal-termo	
Descrição  14	<ul style="list-style-type: none"> • CM: 14. • OP: em direção ao corpo. • PA: em espaço neutro, na altura do ombro. • M: rotacional para frente. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Volante
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Componente com o qual o motorista esterça as rodas. É formado por uma caixa central, ligada à barra de direção e posteriormente à caixa de direção” (FIAT, 2012, p. 83).

Sinal-termo	
Descrição  08	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 08. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: semicircular. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

PROCEDIMENTOS

Entrada	Calafetação ¹⁴
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Ato ou efeito de calafetar; tapar ou vedar fendas e buracos” (FERREIRA, 2014, p. 388).

¹⁴ Ficha terminológica apresentada no trabalho Libras e Linguística de Corpus: análise de sinais-termos da indústria automobilística, 2020. Disponível em: <<https://www.letraria.net/estudos-exploratorios-em-linguistica-de-corpus/>>.

Sinal-termo



Descrição



01



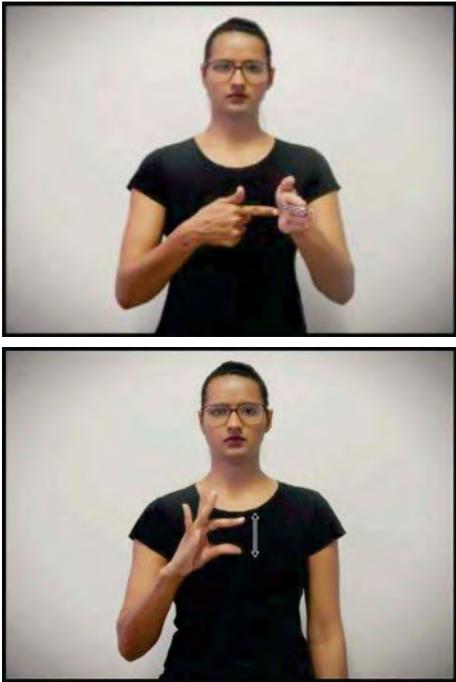
42

Sinal 1:

- CM: 01.
- OP: para a esquerda.
- PA: em espaço neutro frente ao corpo.
- M: retilíneo para baixo.
- ENM: não há.

Sinal 2:

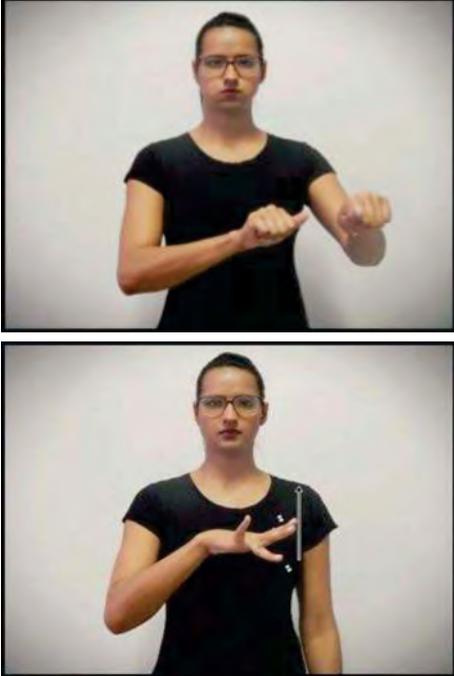
- CM: 42.
- OP: para a esquerda.
- PA: em espaço neutro frente ao corpo.
- M: encostar os dedos polegar e médio, duas repetições.
- ENM: não há.

<p>Variação</p>	
<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>15</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>56</p> </div> </div> <div style="text-align: center; margin-top: 20px;">  <p>42</p> </div>	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 15. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a esquerda. • PA da MD: ponta do dedo indicador fixada na palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: retilíneo, em direção às pontas dos dedos da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há. <p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM: 42. • OP: para a esquerda. • PA: em espaço neutro frente ao corpo.

	<ul style="list-style-type: none"> • M: encostar os dedos polegar e médio, duas repetições. • ENM: não há.
Ilustração	

Entrada	Inspeção mecânica
Categoria Gramatical	Lexia composta por substantivo e adjetivo.
Definição	Procedimento em que profissionais especializados fazem uma espécie de revisão da parte mecânica do automóvel, como o cofre de motor e outros.
Sinal-termo	
Descrição  49  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 49. • CM da MND: 56. • OP da MD: para baixo. • OP da MND: para a esquerda. • PA da MD: ponta do dedo indicador fixada próximo aos olhos. • PA da MND: em espaço neutro, abaixo do ombro. • M da MD: retilíneo, em direção à mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há.

Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Lixar
Categoria Gramatical	Verbo
Definição	“Desgastar ou polir com lixa” (FERREIRA, 2014, p. 1280).
Sinal-termo	

<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>01</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>61</p> </div> </div>	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 01 • OP da MD: para baixo. • OP da MND: para baixo • PA da MD: em espaço neutro, posicionada à frente da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada atrás da mão dominante. • M da MD e MND: semicircular horizontal. • ENM: não há. <p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 61. • OP da MD e MND: para baixo. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada acima da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante. • M da MD e MND: retilíneo, para cima, tamborilando os dedos. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	<p>Não houve</p>
<p>Ilustração</p>	

Entrada	Montar
Categoria Gramatical	Verbo
Definição	“[...] engastar, encaixar, organizar, planejar” (FERREIRA, 2014, p. 1422).
Sinal-termo	
Descrição   49 15	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 49. • CM da MND: 15. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: dedos indicador e médio encaixados no indicador da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: semicircular para baixo. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Parafusar
Categoria Gramatical	Verbo
Definição	“Fixar ou apertar por meio de parafuso(s) ou rosca(s); atarraxar, tarraxar” (FERREIRA, 2014, p. 1560).
Sinal-termo	
Descrição  38	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 38. • OP da MD e MND: em direção ao corpo. • PA da MD: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD e MND: zigzag para baixo. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Pintar
Categoria Gramatical	Verbo
Definição	“Representar por traços ou cores algum objeto” (FERREIRA, 2014, p. 1638).

Sinal-termo	
Descrição  55  56	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 55. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: pontas dos dedos em direção à palma da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, posicionada ao lado da mão dominante. • M da MD: semicircular para cima, duas repetições. • M da MND: não há. • ENM: não há.
Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Polir
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	Ação que visa a eliminação de riscos e danos da pintura.

Sinal-termo



Descrição



01



61

Sinal 1:

- CM da MD e MND: 01.
- OP da MD e MND: para baixo.
- PA da MD: em espaço neutro, posicionada à frente da mão não dominante.
- PA da MND: em espaço neutro, posicionada atrás da mão dominante.
- M da MD e MND: semicircular horizontal.
- ENM: bochechas infladas.

Sinal 2:

- CM da MD e MND: 61.
- OP da MD e MND: para baixo.
- PA da MD: em espaço neutro, posicionada acima da mão não dominante.
- PA da MND: em espaço neutro, posicionada abaixo da mão dominante.
- M da MD e MND: retilíneo para cima, tamborilando os dedos.
- ENM: não há.

Variação	Não houve
Ilustração	

Entrada	Solda
Categoria Gramatical	Substantivo
Definição	“Liga feita de estanho e chumbo, usada nos trabalhos de eletricidade para soldagem de emendas, terminais etc.” (SENAI, 2009 p. 56).
Sinal-termo	 

<p>Descrição</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>15</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>56</p> </div> </div>	<p>Sinal 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM da MD: 15. • CM da MND: 56. • OP da MD: em direção ao corpo. • OP da MND: para baixo. • PA da MD: dedo indicador fixado no pulso da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, servindo de apoio para a mão dominante. • M da MD: retilíneo em direção às pontas dos dedos da mão não dominante. • M da MND: não há. • ENM: não há. <p>Sinal 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CM: 56. • OP: em direção ao rosto. • PA: fixada na testa. • M: semicircular para baixo. • ENM: não há.
<p>Variação</p>	
<p>Descrição</p> <div style="text-align: center;">  <p>13</p> </div>	<ul style="list-style-type: none"> • CM da MD e MND: 13. • OP da MD: para a esquerda. • OP da MND: para a direita. • PA da MD: em espaço neutro, acima dos ombros, posicionada ao lado da mão não dominante. • PA da MND: em espaço neutro, acima dos ombros, posicionada ao lado da mão dominante.

	<ul style="list-style-type: none">• M da MD e MND: tocar as pontas dos dedos polegar e médio duas vezes.• ENM: não há.
Ilustração	

ANÁLISES

Neste capítulo, nos dedicaremos a teorizar sobre a iconicidade e a arbitrariedade do signo linguístico na Libras, apresentando questões relacionadas à formação dos sinais tomando por base Saussure (2008), que defende a arbitrariedade na relação entre significado e significante, Peirce (1977), que traz considerações sobre os elementos icônicos que permeiam o signo linguístico, e Strobel e Fernandes (1998), que também abordam estas questões no que tange à Libras. Lançando mão da teoria abordada, realizaremos as análises dos sinais-termos coletados e registrados no glossário de sinais-termos de uma indústria automobilística de Catalão-GO.

4.1 Iconicidade x arbitrariedade¹⁵

As discussões concernentes à arbitrariedade e à iconicidade, ou motivação e imotivação dos signos linguísticos, não são uma preocupação recente. Queiroz (1981) faz uma interessante retomada sobre esse assunto em “Crátilo e Hermógenes: motivação *versus* arbitrariedade do signo linguístico”, em que nos é apresentado um diálogo entre Crátilo, que defende haver uma relação natural entre os elementos da língua e os objetos por eles representados, aceitando como verdadeira a ideia da iconicidade do signo linguístico; e Hermógenes, que assegura o caráter convencional da língua, garantindo não existir similaridade entre nomes e coisas designadas (QUEIROZ, 1981).

Segundo Peirce (1977), outra ciência que busca estabelecer essa relação entre a palavra e o objeto é a Semiótica, a ciência dos signos. Seu objeto de estudo são os processos comunicativos, dado que busca descrever e analisar as ações e representações do signo. Essa ciência apresenta um estudo dos signos a partir da tríade *representamen-objeto-interpretante*. O *representamen* é o próprio signo, ou seja, aquilo que de al-

¹⁵ Tema discutido sob forma de comunicação oral no Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Regional Catalão, da Universidade Federal de Goiás, 2017.

guma maneira nos representa algo. O *objeto* é aquilo que é referido pelo signo, e o *interpretante* é a criação mental que fazemos do signo equivalente ao *representamen* (PEIRCE, 1977, p. 63, grifos do autor).

Dentre as abordagens teóricas de Peirce (1977), encontramos a definição do signo quanto à sua representação e relação com o referente. Para ele, “Um signo é um *ícone*, um *índice* ou um *símbolo*” (PEIRCE, 1977, p. 74, grifos do autor). O *ícone* possui relação de semelhança com o seu objeto, isto é, com o seu referente. Um exemplo seriam as imagens, as pinturas e as esculturas, pois elas denotam claramente aquilo que estão representando. O *ícone*, portanto, traz em si as características do significado em seu significante. No caso do *índice*, o signo e o referente são marcados por uma relação direta de significação, como uma coisa que leva a outra, pois o índice está fisicamente ligado ao seu objeto; como exemplo, um local cheio de cinzas informa que houve fogo, ou nuvens carregadas no céu dão a ideia de chuva. E o *símbolo* é resultante da relação arbitrária entre o signo e o referente, funcionando como algo convencionalizado, já que não possui relação entre o nome e o objeto. Por exemplo, a palavra cadeira, que não traz referência natural ao objeto que representa.

Tendo em vista que a iconicidade mantém uma relação de semelhança entre referente e significante, entendemos que icônico é aquele signo cujo significante é uma representação do objeto. Trazendo essa discussão para o plano das línguas de sinais, convém citar Strobel e Fernandes (1998), quando discutem sobre sinais icônicos e arbitrários. Para as autoras, a iconicidade está bem representada em elementos fotográficos, que são icônicos porque reproduzem a imagem do referente, isto é, a pessoa ou o objeto fotografado. Da mesma maneira acontece com os sinais icônicos, que fazem alusão à imagem do seu significado. Strobel e Fernandes (1998, p. 7) apontam que “[...] isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente [...]”

Conforme será apresentado nas análises desta pesquisa, os sinais-termos icônicos estudados foram assim categorizados por apresentarem traços de iconicidade, trazendo representações quanto à forma, movimento ou utilidade de seu referente. No entanto, alguns dos sinais-termos que também consideramos icônicos, apesar de não fazerem alusão direta aos objetos que representam, apresentam motivação para receber determinado sinal, como é o caso do sinal equivalente à unidade terminológica “vidro”, que apesar de não ser icônico quanto à forma, apresenta motivação por ser sinalizado com a mão configurada em “V”.

No que se refere à arbitrariedade, Saussure (2008), ao teorizar sobre signos linguísticos, utiliza o termo arbitrário para definir o laço que une o significado e o significante. Para este teórico, não há relação óbvia entre um e outro: “O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 2008, p. 81).

Na concepção do linguista, não é possível haver relação entre o nome e o objeto, pois o signo linguístico é imotivado, isto é, o objeto não recebe o nome a partir de alguma característica ou aspecto que evoque diretamente algo que ele representa. Nesse sentido, Frydrych (2012, p. 284) pontua que “A arbitrariedade pode ser entendida como a ausência de causalidade ou necessidade: o laço é por que é. Não há uma causa – ou um traço referencial – para que tal união se dê [...]”. Entendemos, então, que o mundo é categorizado a partir da aceitação social e preservado pelos usuários.

Redirecionando a discussão para o plano das línguas de sinais, podemos afirmar que dentro do sistema linguístico da Libras, existem também os sinais arbitrários. Estes são representados pelos signos cuja sinalização não possui alguma relação de semelhança com o seu objeto, isto é, os sinais em si não carregam traços que remetam ao objeto. Strobel e Fernandes (1998) sustentam que os sinais arbitrários são aqueles que não possuem semelhanças com a realidade que representam.

Interpretamos que a arbitrariedade seja elemento basilar para a construção linguística, pois, conforme Frydrych (2012), a arbitrariedade existente entre significante e significado é uma das propriedades básicas de uma língua.

Saussure (2008, p. 152) pondera sobre o arbitrário absoluto e arbitrário relativo, mostrando que existem níveis de arbitrariedade aplicáveis ao signo. A arbitrariedade absoluta diz respeito aos signos completamente imotivados, ou seja, aqueles que não possuem alguma relação de semelhança com os objetos que designam. Já a arbitrariedade relativa está ligada àqueles signos que, de alguma forma, são passíveis de motivação. Tomemos como exemplo as lexias *cadeira* e *rodas*, signos arbitrários, logo, imotivados. Entretanto, se analisarmos a lexia *cadeira de rodas*, os signos passam de arbitrariedade absoluta para arbitrariedade relativa, pois o nome dado ao objeto de alguma forma remete à sua forma, que é uma cadeira com rodas.

Dessa forma, apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária, enquanto outras permitem a sua classificação em graus de arbitrariedade, como é o caso dos derivados compostos e onomatopeias. Não diferentemente das línguas orais, as de sinais também apresentam essa característica. Desse modo, as noções de iconicidade e

arbitrariedade se configuram como elementos linguísticos importantes no processo de denominação na língua. O que apreendemos é que a iconicidade é representada por um signo que mantém semelhança com o seu objeto, e, devido a isso, os sinais na Libras que trazem essa representatividade são considerados icônicos. Por outro lado, o arbitrário, diferentemente do icônico, não traz consigo relação entre o nome e o objeto.

Este, é, portanto, o embasamento teórico acerca da iconicidade e arbitrariedade do signo linguístico na Libras que nos darão respaldo para realizar as análises dos sinais-termos coletados nesta pesquisa.

4.2 Análise da motivação e não-motivação dos sinais-termos

Tendo em vista as discussões apresentadas neste trabalho no que se refere à caracterização de um item lexical na Libras como icônico ou arbitrário, a fim de cumprir com um dos objetivos deste estudo, que consiste na análise dos sinais coletados e registrados concernente à motivação ou não-motivação no processo de criação dos sinais-termos da indústria automobilística, daremos início às análises.

Conforme explicado anteriormente, o signo linguístico icônico ou motivado é aquele que apresenta traços do significado no significante, isto é, no caso da língua de sinais, o sinal é formado com base no referente. Já o signo linguístico arbitrário ou imotivado é aquele cujo sinal não denota elementos que remetam ao significado. Com base nisso, podemos concluir que, nesta pesquisa, a maioria dos sinais coletados apresentou traços icônicos quanto à sua formação, sendo sessenta e dois (62) icônicos, três (03) arbitrários, e um (01) relativamente icônico, totalizando em sessenta e seis (66) unidades lexicais.

Exibiremos, no quadro a seguir, os sinais-termos que constituíram o *corpus* desta pesquisa categorizados como icônicos, acrescidos da justificativa para se enquadrarem como tal. Posteriormente, selecionaremos aqueles que apresentaram maior relevância quanto ao processo de formação do sinal para serem analisados. Alguns sinais também mereceram destaque na explicação, que são os casos dos empréstimos linguísticos e mudanças de categoria, como o sinal equivalente ao verbo “polir”, que recebe sinal idêntico ao do substantivo “polimento”.

Quadro 3 - Listagem dos sinais-termos icônicos.

SINAL-TERMO	JUSTIFICATIVA
Abastecimento	Sinal faz alusão à bomba de gasolina em contato com o tanque de combustível.
Alto falante	O sinal representa o som do objeto indo em direção ao ouvido.
Apertadeira	O sinal apresentado para este item lexical é formado a partir da combinação das letras do alfabeto - a e -r, com o sinal que representa o movimento do instrumento durante a ação.
Ar condicionado	O sinal termo é formado a partir da combinação das letras do alfabeto -a e -r e sinal que representa o ar em direção ao rosto.
Assoalho	O sinal é icônico por representar, a partir da mão dominante, a posição da peça no processo de montagem de automóveis.
Borracha	O sinal-termo equivalente à essa lexia faz uma representação icônica da borracha escolar.
Borracha de porta	Sinal-termo é composto dos sinais de “borracha” e “porta”. Ambos são icônicos.
Calafetação	As duas variantes apresentadas para este sinal-termo fazem alusão ao modo como o procedimento é realizado através do movimento e são acrescidos do sinal referente à cola.
Carroceria	Sinal-termo faz alusão ao processo de solda, sendo este o procedimento utilizado para a fabricação da carroceria.
Caixa	Sinal faz alusão à forma do objeto por meio dos movimentos.
Câmbio	Sinal remonta o modo como se operacionaliza o instrumento.
Chassi	Sinais-termos representam através da configuração de mão e movimento a forma que a peça possui.
Chave de fenda	Sinal remete à espessura e ao movimento da chave de fenda em contato com uma superfície.
Chicote	Sinal-termo é formado pela junção dos sinais referentes a fio e colorido.
Conector da mangueira do radiador	Sinal apresenta o movimento de como que a peça é encaixada.
Elevador da Linha de produção	Sinal icônico demonstra a forma e o movimento realizado pelo equipamento.
Elevador de carro	Sinal icônico demonstra a forma e o movimento realizado pelo equipamento.

SINAL-TERMO	JUSTIFICATIVA
Empilhadeira	As três variantes apresentadas para este termo aludem à forma e aos movimentos realizados pelo equipamento.
Farol	Sinal icônico remete ao objeto através da indicação de iluminação.
Ferro de solda	Sinal faz alusão ao instrumento indicando, através da mão dominante, sua espessura e com a mão não dominante indica a ponta do objeto.
Fita adesiva isolante	Sinal faz referência ao modo como o material é utilizado.
Freio	Sinal-termo faz alusão ao movimento dos pés ao frear o veículo.
Inspeção mecânica	Sinal-termo é motivado por ser formado a partir da sinalização do verbo “ver” ou “verificar”.
Laser	Sinal-termo representa o modo como o instrumento é manuseado, mais os movimentos necessários para a prática.
Liberação	Sinal-termo foi criado a partir do sinal de “livre”, cuja sinalização é realizada com os dedos entrelaçados e posteriormente se soltando, dando a ideia de “liberar”.
Linha de produção	Sinal faz alusão a uma fileira de carros, mesmo modo em que os veículos nesta etapa de fabricação são dispostos.
Lixa	Sinal remete à ação de lixar, apresentando o modo como segura o equipamento e o movimento em que o realiza.
Lixadeira elétrica	Sinal representa o instrumento por meio do modo como o segura e o movimento circular.
Lixar	Sinal faz alusão ao movimento realizado na execução do trabalho.
Mangueira do radiador	Sinal faz referência à mangueira através da configuração de mãos e movimento.
Máscara	Sinal demonstra a forma e a função do objeto.
Mola	Sinal demonstra a forma e a função do objeto.
Montar	Sinal-termo é icônico por representar uma chave de fenda apertando um parafuso, ação comum no processo de montagem.
Motor	As duas variantes apresentadas para este termo fazem alusão ao movimento do objeto.
Painel	Sinal é icônico quando contextualizado.
Palete	Sinal-termo é formado pela combinação dos sinais de madeira e a forma icônica de palete.
Para-choque	Sinal faz alusão à forma que a peça possui.

SINAL-TERMO	JUSTIFICATIVA
Parafusadeira	Sinal remete ao movimento como que o instrumento é manuseado.
Parafusar	Sinal demonstra a forma e os movimentos presentes na ação.
Parafuso	Sinal faz alusão à ferramenta através de movimentos rotativos com o dedo indicador.
Pátio de automóveis	As duas variantes apresentadas para este termo aludem à maneira como os carros são dispostos e indicam grande quantidade através da repetição.
Peças	Sinal é motivado por representar as letras do alfabeto que compõem a palavra -p, ç, a-.
Pinça de solda	Sinal icônico apresenta a forma e o movimento da ferramenta.
Pintar	Sinal icônico apresenta a forma e o movimento da ação.
Pintura	Sinal icônico apresenta a forma e o movimento da ação
Polir	Sinal-termo é formado através da junção dos sinais de polir, que é representado pelo modo como o instrumento que realiza a ação é manuseado, e brilho, que é o efeito advindo da ação.
Politriz	Sinal-termo é formado através da junção dos sinais de polir, que é representado pelo modo como o instrumento que realiza a ação é manuseado, e brilho, que é o efeito advindo da ação.
Porta de carro	As duas variantes apresentadas para este termo foram icônicas por fazerem alusão à forma e ao movimento do objeto.
Rebocador	As duas variantes apresentadas para este sinal demonstram, através das configurações de mãos e movimento, a função do equipamento.
Revólver de pintura	Sinal-termo representa o modo como o instrumento é manuseado, mais os movimentos necessários para a prática.
Robô de computador	Sinal-termo formado por dois sinais, um que designa o modo como funciona o robô e outro que designa o computador.
Robô de peças	Sinal faz alusão à forma e ao movimento realizado pelo equipamento.
Robô de pintura	Sinal faz alusão à forma e ao movimento realizado pelo equipamento.
Solda	Sinal representa o movimento da ação.
Spray de pintura	Sinal faz alusão ao instrumento e ao movimento realizado.
Tampa do radiador	Sinal faz alusão à forma e ao movimento realizado pelo equipamento.
Teste	Sinal-termo não é icônico, mas apresenta motivação por ser o mesmo sinal de experimentar, o que remete ao ato de testar.

SINAL-TERMO	JUSTIFICATIVA
Transportador	Sinal faz alusão à forma e ao movimento realizado pelo equipamento.
Túnel	Sinal faz alusão ao automóvel sendo elevado pelo elevador e, por meio do movimento retilíneo para a esquerda, indica a maneira como são transportados.
Ventilador do radiador	Sinal faz referência ao movimento do ventilador.
Vidro	Sinal-termo é motivado por ser formado a partir da letra “V” do alfabeto.
Volante	Sinal remete ao movimento e ao modo como o instrumento é operacionalizado.

Fonte: Elaborado pela autora.

No processo de análise dos sinais, percebemos que, em alguns casos, os termos das categorias gramaticais verbo e substantivo com a mesma raiz mórfica receberam sinais idênticos, como “abastecimento”, “pintura” e “solda”, que dizem respeito respectivamente aos verbos “abastecer”, “pintar” e “soldar”. Além disso, alguns itens apresentaram os mesmos sinais por fazerem parte de uma mesma categoria de objetos, como observamos em “lixa”, “lixadeira elétrica” e “lixar”, sendo o último acrescido do sinal referente ao resíduo que a ação provoca, remetendo ao pó sendo lançado ao ar. Neste caso, identificamos uma relação de sinal primitivo (lixa), que dá origem aos sinais derivados (lixar e lixadeira).

Entretanto, é interessante notar que em “parafusadeira”, “parafusar” e “parafuso”, o processo de criação dos sinais não foi o mesmo do exemplo anterior, uma vez que, para “parafusadeira”, o sinal criado foi correspondente à forma do objeto, que possui a parte frontal pontiaguda e local de encaixe dos dedos para manusear o instrumento com mais facilidade, enquanto “parafusar” foi representado por meio da indicação de parafusos sendo fixados em alguma superfície com o auxílio da parafusadeira, e não manualmente. A lexia “parafuso”, por sua vez, recebeu o sinal icônico referente à ação de parafusar, porém manualmente, e não por meio da máquina.

Por outro lado, as lexias “polimento” e “politriz” receberam o mesmo sinal-termo, ou seja, o resultado da ação de polir possui o mesmo sinal que o instrumento utilizado para executá-la. Igual processo de criação de sinais foi observado em “pintar” e “pintura”, que receberam os mesmos sinais.

Além dos casos observados, elegemos outros treze (13) sinais-termos para serem analisados. Escolhemos os sinais cujos processos de formação apresentaram maior relevância, principalmente no que diz respeito à percepção de cada indivíduo e ao modo como se deu a criação do sinal e o seu enquadramento nas categorias de icônicos ou arbitrários. Ressaltamos que a análise de todos os itens da categoria de icônicos seria delongada, e, por isso, optamos pela seleção de dez (10) sinais-termos icônicos e os três (03) sinais-termos identificados como arbitrários. Os sinais icônicos analisados foram: “empilhadeira”, “solda”, “túnel”, “elevador de carros”, “rebocador”, “borracha”, “palete”, “apertadeira”, “pátio de automóveis” e “linha de produção”; e os arbitrários: “ferro”, “plástico”, “pneu” e “teste”.

O sinal-termo equivalente à lexia “empilhadeira” nos chamou a atenção por ter apresentado três (03) variantes. Duas (02) delas representam a forma e o movimento da máquina por meio da Configuração de Mãos (CM) e Movimento (MO), isto é, do sinal formado por dois ganchos utilizados para elevar caixas e outros objetos, fazendo movimento para cima de forma lenta, assim como a máquina. Diferenciam-se entre si apenas pelo Ponto de Articulação (PA) na realização do sinal, sendo uma variante sinalizada com a mão dominante alocada em espaço neutro frente ao corpo, e a outra, com a mão dominante fixada no antebraço da mão, não dominante. O outro sinal-termo também faz o movimento de elevação, porém representando a empilhadeira carregada com algum objeto, e não com a evidência dos ganchos, como nos outros sinais. Nesse caso, depreende-se que a formação do sinal, naquele contexto, relaciona-se com a percepção de quem o criou, pois nos dois primeiros casos a percepção marcante do significante veio de forma a representar o objeto em si e o seu movimento; já no outro caso, o sinal foi formado segundo a percepção da máquina desempenhando a sua função de elevar objetos, de modo a organizá-los em pilhas.

A lexia “solda” também apresentou duas variantes de sinais para designá-la. Uma faz alusão à máscara de solda, sendo sinalizada por meio da mão dominante aberta com a palma em direção aos olhos, acrescida do sinal de aplicação da solda na superfície, representada por meio do indicador esquerdo deslizando no dorso da mão não dominante. O outro sinal-termo, também icônico, faz referência a outro tipo de solda, pois, diferentemente do primeiro, este não é realizado manualmente, mas por meio da pinça de solda, que une as peças e faz uma espécie de colagem com elas. Por isso, o sinal vem carregado com esses traços, que são representados por movimentos repetidos de toque e separação entre os dedos polegares e médios das duas mãos, indicando que é através da junção e separação das pinças que o processo de soldagem é executado.

O sinal referente ao item “elevador de carros” foi apresentado com a seguinte sinalização: as duas mãos posicionadas em espaço neutro em frente ao corpo, com as mãos fechadas, apenas com os dedos indicador e médio curvados para baixo de modo a remeter aos ganchos do elevador, que são utilizados para apoiar o veículo e suspendê-lo para facilitar a montagem de sua parte inferior. O movimento do sinal também é idêntico ao executado pelo maquinário, pois as mãos seguem para cima, imitando o elevador guinchando o veículo e suspendendo-o. Para a lexia “túnel”, o sinal também mostrou-se icônico, pois a mão dominante representa claramente o guincho metálico pinçando a carroceria do automóvel, enquanto a mão não dominante representa a carroceria sendo elevada. O movimento do sinal indica a direção em que as carrocerias são elevadas durante o processo de montagem, isto é, seguindo o fluxo em movimento retilíneo.

O processo de criação de duas variantes para o item “rebocador” também merece destaque pelo fato de os participantes terem focado no modo de encaixe da máquina, que é utilizada para transportar caixas e outros objetos no interior da empresa. Apesar de a máquina apresentar várias outras características, tais como: ganchos, capô, volante etc., os funcionários usuários da Libras optaram por representá-la por meio do modo como o veículo encaixa os materiais que são transportados. Uma das variantes foi sinalizada com os dedos indicadores das duas mãos entrelaçados em espaço neutro, remetendo ao encaixe do veículo com a matéria transportada, e com o movimento retilíneo indicando o transporte em si. A outra variante, apesar de possuir o mesmo movimento e mesmo ponto de articulação, foi sinalizada com a configuração de mãos diferente do exemplo anterior, pois a mão dominante é utilizada para representar, através do dedo indicador, o encaixe do “rebocador”, e a mão não dominante indica a matéria transportada.

O sinal-termo referente à lexia “borracha”, apesar de não ser icônico quanto à forma ou utilidade do material naquele contexto, apresenta motivação para ter sido atribuído ao objeto, pois o sinal-termo é o mesmo utilizado para “borracha escolar”, que se constitui como icônico, uma vez que a sinalização se dá com a mão dominante fazendo o movimento de apagar sobre o dedo indicador da mão não dominante. Desse modo, o que compreendemos é que houve uma transposição de sinal em relação à matéria em dois contextos de utilização distintos, que, no entanto, recebe o mesmo nome. Destarte, compreendemos que, apesar de não ser icônico naquele contexto, o sinal-termo ainda assim possui traços de motivação. Semelhante ao item “borracha”, o sinal apontado para representar a lexia “teste” também sofreu motivação, pois o sinal é o mesmo utilizado para “experimentar” ou “tentar”. Desse modo, percebemos que houve uma transposição do léxico geral para o léxico específico daquele setor.

Processo de formação interessante também foi observado no item terminológico “palete”. A lexia apresentou duas (02) variantes correspondentes em Libras: uma delas é formada a partir da combinação do sinal referente à madeira, que é sinalizado de maneira icônica remetendo à árvore, e da composição das mãos abertas com os dedos sobrepostos, fazendo alusão às grades, como de fato é o objeto, constituído de grades de madeira. A outra variante foi sinalizada pela mão aberta com os dedos fechados e fazendo movimento de bater na lateral do rosto, acrescido do sinal de grade, idêntico à segunda parte do sinal anterior. A princípio, não identificamos a relação do sinal, cujo ponto de articulação era no rosto, com o objeto em si, considerando-o arbitrário. No entanto, no momento da transcrição da entrevista, percebemos que o sinal apresentado referia-se à expressão em Libras “cara de pau”. Por isso, o participante relacionou-o com o objeto, cujo material de fabricação é a madeira.

As lexias “pátio de automóveis”, representada por duas (02) variantes, e “linha de produção”, foram sinalizadas por meio da inserção do morfema de quantidade na Libras, representado a partir da repetição do sinal. Em “pátio de automóveis”, em ambas as variantes, a sinalização se dá mediante a utilização da configuração de mão aberta com a palma para baixo, que indica um veículo parado, todavia, repete-se o movimento seguindo na horizontal, justamente de acordo com o sentido em que os automóveis são dispostos no local referido. No sinal-termo referente à “linha de produção”, o modo de representação dos veículos é o mesmo de “pátio de automóveis” e o morfema de quantidade também é inserido, porém, a repetição do sinal é feita para trás, com uma mão parada na frente e outra indicando o sentido em que os automóveis são dispostos, isto é, um após o outro em sentido vertical. Notamos, assim, que para a criação do sinal-termo, os detalhes são observados e a sinalização obedece à percepção de cada indivíduo.

O sinal-termo indicado pelos participantes para referir-se à “apertadeira” constituiu-se como um sinal relativamente icônico com empréstimo linguístico da Língua Portuguesa, pois o sinal-termo é representado a partir dos sinais das letras -a e -r, remetendo à lexia “ar” da Língua Portuguesa, à qual soma-se o sinal que designa o movimento do instrumento quando é acionado. Semelhante ao sinal de “apertadeira”, temos a lexia “ar condicionado” cujo sinal-termo utiliza em sua composição os sinais das letras do alfabeto, -a e -r, que indicam, conjuntamente, a lexia “ar”, associados ao movimento da mão aberta em direção ao rosto. Duarte (2013) pontua que os empréstimos lexicais na Libras estão relacionados ao alfabeto manual através das Configurações de Mãos, que representam o alfabeto da Língua Portuguesa, constituindo assim a datilologia, que também é conhecida como soletração digital. Este tipo de empréstimo linguístico é entendido no âmbito da Libras como empréstimo por transliteração.

Outro fator importante que merece ser ressaltado é o modo com que as lexias simples e compostas se relacionam na Língua Portuguesa e na Libras. Do mesmo modo que existem lexias compostas na Língua Portuguesa, como é o caso de “*spray* de pintura”, na Libras existem casos em que os sinais também são formados pela composição de dois ou mais sinais. Eles podem ou não corresponderem-se nas duas línguas, como é o caso do signo “borracha de porta”, que na Língua Portuguesa é formado pela junção de duas lexias e na Libras também apresenta dois sinais. Entretanto, esse procedimento para sinalização não se configura como uma regra, pois há casos em que uma lexia composta na Língua Portuguesa é representada por um único sinal na Libras, como é o caso de “alto-falante”.

Nas análises, pudemos apreender dezoito (18) casos em que os termos apresentaram lexias compostas na Língua Portuguesa e sinais simples na Libras, como “chave de fenda”, “ferro de solda”, “para-choque”, “pinça de solda”, “revólver de pintura” e outros. Notamos também oito (08) casos em que na Libras os sinais-termos apresentaram lexias compostas enquanto seus correspondentes em Língua Portuguesa foram formados por lexias simples, como em “apertadeira”, “calafetação”, “chicote”, “paleta”, “polimento”, “politriz”, “radiador” e “solda”. Em que pesem tais informações, em três (03) casos foi possível observar que as lexias compostas foram comuns às duas línguas: “ar condicionado”, “borracha de porta” e “robô de computador”.

No que diz respeito aos sinais considerados arbitrários, foi possível identificar apenas três (03) unidades nesta categoria: “ferro”, “plástico” e “pneu”.

A unidade terminológica “ferro” recebeu o seu equivalente em Libras sinalizado de forma arbitrária. A sinalização foi apresentada por meio da mão dominante fechada, com apenas os dedos polegar e mínimo levantados, tocando duas vezes o dedo mínimo no dorso da mão não dominante configurada com todos os dedos fechados. Conforme percebido, o sinal não faz alusão ao material em questão.

Também na categoria de sinais-termos arbitrários, temos a lexia “plástico”, que apresentou duas variantes. Uma delas é sinalizada a partir de dois toques do dedo médio direito na parte superior dos lábios. Como se pode observar, não é possível relacionar o sinal ao seu referente. A outra consiste na disposição das mãos abertas, com os dedos médios e polegares unidos, fazendo movimento de vai e vem em espaço neutro, que também não pode ser associado ao referente da unidade terminológica “plástico”.

O mesmo foi observado no sinal-termo concernente à lexia “pneu”. Uma forma conhecida de sinalizar esta unidade é a combinação da mão dominante com o indicador fazendo movimento circular, associado ao sinal não-manual de inflar a bochecha com ar, que se configura como um sinal icônico. No entanto, nas entrevistas, os parti-

cipantes foram unânimes em sinalizar o seu equivalente em Libras com o dedo indicador direito tocando na bochecha. Neste caso, o sinal-termo também enquadra-se como arbitrário.

Além dos sinais-termos icônicos e arbitrários, percebemos, ainda, um sinal considerado relativamente icônico por apresentar dois sinais em sua composição, sendo um deles considerado icônico e o outro arbitrário, o que o torna relativamente arbitrário. O sinal-termo em questão é referente à lexia “radiador”. O sinal é formado pela junção dos sinais de água, que consiste na mão dominante configurada em -1, alocada no queixo, fazendo movimento de sobe e desce com o indicador, que é arbitrário, e de recipiente quadrado, sinalizado com as duas mãos em espaço neutro, que remetem ao formato do radiador, sendo considerado icônico. Destarte, as análises mostraram que sessenta e dois (62) sinais-termos foram considerados icônicos, ou seja, 94% do total apresentaram traços de semelhança entre o objeto e seu referente, enquanto somente três (03) foram considerados arbitrários, correspondendo a 4,5% do total, e apenas um (01) foi considerado relativamente icônico, correspondendo a 1,5% dos termos.

Os resultados da análise nos mostram que a maioria dos sinais-termos foi considerada icônica, conforme prevíamos na hipótese desta pesquisa. Observamos que esta estatística reflete a parte visual marcante no sujeito surdo, que recebe estímulos visuais que os possibilitam identificar o mundo segundo sua percepção. Tal fato, contudo, não altera o *status* de sistema linguístico da Libras. Outro fator importante que acreditamos influenciar no processo de formação dos sinais naquele contexto é a falta de conhecimento e domínio da Libras por parte dos funcionários ouvintes do setor que, para estabelecerem comunicação com os funcionários surdos, veem a necessidade de sinalizar de modo icônico para se fazerem entendidos em situações cotidianas no ambiente de trabalho. Desse modo, acreditamos que a iconicidade se faz presente na empresa de modo tão marcante por ser esta a forma de os sujeitos surdos serem minimamente incluídos no seu ambiente profissional.

É salutar refletirmos sobre a necessidade da implementação da acessibilidade linguística para os funcionários surdos a fim de promover a real inclusão no seu ambiente de trabalho, pois fazer parte do rol de funcionários da empresa não significa estar incluído nela. Em alguns trechos das entrevistas, os participantes clamam pelo direito de compreender e serem compreendidos como em: “Meu chefe ouvinte e eu surdo, nós dois não tem comunicação. Ele fala, fala e eu não entendo” (P4M34); “Supervisor acha que surdo sabe ler Português, mas surdo só finge entender” (P3F37); “Reuniões pessoa fala, fala, fala, mas surdo não entende nada. Pergunto, mas pessoa preconceito fala deixa pra lá” (P5M39).

Além das questões de interação e comunicação, o desenvolvimento profissional das pessoas surdas também é comprometido pela falta de acessibilidade linguística como se nota em: “Às vezes tem curso, mas eu não fazer porque não entende nada. Eu vontade fazer curso porque salário aumenta. Precisa aprender para colocar no currículo” (P1M49). Outro trecho das entrevistas que chama a atenção para a necessidade de acessibilidade é percebido no depoimento de P3F37: “Como surdo desenvolver? Sempre mesmo lugar. Ouvinte desenvolve, cresce, mas surdo não. Eu trabalho lá já oito anos e nunca aumentar nada” (P3F37).

No entanto, mesmo com as dificuldades de comunicação existentes, conforme observado nas entrevistas, a Libras, por ser uma língua autêntica, ainda é capaz de fornecer subsídios linguísticos aos seus usuários, permitindo criar sinais arbitrários independentemente do contexto e da situação de enunciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou realizar um estudo terminológico e terminográfico em Libras do setor automobilístico, isto é, apreendemos, por meio de entrevistas com dez (10) participantes surdos do contexto industrial automotivo, os termos empregados no contexto, materializados em forma de sinais. Considerando as modalidades linguísticas diferentes das pessoas surdas e ouvintes, buscamos observar a maneira pela qual se efetiva a comunicação mediante o uso de terminologia daquele ambiente, analisando a maneira com que ela é sinalizada pelos usuários da Libras. Utilizamos como subsídio teórico as discussões acerca da Lexicologia, Terminologia, Terminografia e demais ciências do léxico, que constituíram a base teórica deste trabalho.

Buscamos compreender como a comunicação é efetivada naquele contexto, principalmente no que se refere às questões de acessibilidade linguística aos funcionários surdos do setor. Foi possível perceber, por meio dos relatos dos participantes da pesquisa, que discussões sobre acessibilidade linguística ainda são necessárias nos mais diversos espaços que a pessoa surda tem ocupado no mercado de trabalho.

Além do registro dos sinais-termos sob a forma de um glossário com sessenta e seis (66) entradas e suas variações, realizamos análises do ponto de vista da sua arbitrariedade, iconicidade e motivação, com o intuito de possibilitar a compreensão dos processos de formação dos sinais-termos daquele ambiente. As análises nos possibilitaram apreender que a maioria dos sinais-termos coletados e registrados foram considerados icônicos, somando sessenta e dois (62) sinais cujas características e formas dos seus respectivos referentes fizeram-se presentes no seu processo de criação. Em contrapartida, apenas três (03) termos foram considerados arbitrários e um (01) relativamente icônico. Nossa hipótese para a quantidade de sinais-termos icônicos encontrada é a falta de conhecimento e domínio da Libras dentro da empresa, o que dificulta a comunicação dos funcionários surdos com os seus pares ouvintes, sendo muitas vezes mais fácil estabelecer comunicação por meio de desenhos no ar.

O glossário fruto deste estudo foi estruturado de modo a ser consultado por pessoas surdas e ouvintes que atuem no ramo automobilístico ou áreas afins, de modo a promover a comunicação e a interação dentro das empresas em que os sinais são habituais. Acreditamos, então, que este estudo há de proporcionar o reconhecimento linguístico do sujeito surdo por parte dos demais integrantes ouvintes daquele espaço, e, conseqüentemente, possibilitar a otimização da comunicação entre os funcionários dentro de empresas do ramo, promovendo a inserção social efetiva dos surdos no mercado de trabalho, em especial, no setor industrial.

Consideramos ter cumprido com todos os objetivos propostos para a execução dessa pesquisa, pois apreendemos, registramos e analisamos o léxico especializado utilizado pelos usuários da Língua Brasileira de Sinais em uma indústria do setor automobilístico da cidade de Catalão-GO, constituímos um *corpus* especializado em Libras, e elaboramos o glossário com os termos descritos. No entanto, apesar de nossa proposta inicial ter sido voltada à apreensão e registro dos sinais-termos, percebemos que, após a realização das entrevistas, nosso olhar se voltou especialmente às denúncias sociais que os participantes fizeram sobre a exclusão linguística vivenciada diariamente no seu ambiente de trabalho. A partir das informações cedidas pelos participantes, pudemos, de certa forma, traçar o perfil deste profissional surdo atuante na empresa em questão. Trata-se de um grupo participante de uma minoria linguística que sofre o processo de hegemonização pela maioria de falantes de Língua Portuguesa. Resultam deste processo profissionais desmotivados pela falta de incentivo à capacitação e, conseqüentemente, e pela defasagem financeira em contraste com funcionários ouvintes.

Apesar desse cenário desolador, enquanto participante da comunidade surda e intérprete de Libras, almejamos que essa realidade, possa, em breve, encontrar o seu fim, pois sabemos que os direitos linguísticos que dizem respeito à Libras são assegurados legalmente tanto por parte do setor público quanto privado. Nasceu também como resultado do compromisso social desta pesquisa para com os participantes que a integraram diretamente a proposição de um projeto de extensão que buscará uma parceria entre a empresa e a Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, com o intuito de fornecer uma capacitação basilar em Libras para todos os funcionários que se interessarem em aprender a se comunicar com os colegas surdos da empresa, a fim de promover a quebra das barreiras de comunicação que ainda são latentes.

Com essa proposta, a composição do glossário, que poderá ser utilizado até mesmo como material didático, caracterizou-se como uma das principais motivações para concluir este estudo, pois pode resultar em um retorno social, principalmente em se

tratando de pessoas surdas, que sempre enfrentaram barreiras quanto à comunicação. Entendemos que este seja um modo de favorecer a aprendizagem de alguns sinais por parte dos profissionais da área automobilística, que poderão colocá-los em prática por meio da comunicação e interação cotidiana com os funcionários surdos, resultando na promoção da acessibilidade linguística das pessoas surdas que fazem parte deste contexto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **TradTerm**. São Paulo: Humanitas, n. 9, 2003. p. 211-222.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. In: II SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA. I ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TECNO-CIENTÍFICA. **Anais...** Curitiba: IBICT, 1992.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Glossário. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), p. 135-144, 1984.

BLIKSTEIN, Izidoro. Crátilo e Hermógenes: motivação *versus* arbitrariedade do signo linguístico. In: **Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum**. v. 2. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1981. p. 27-37.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-libras-lei-10436-02>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

_____. **Lei Nº 8.213, de 24 de julho de 1991**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.htm>. Acesso em: 18 abr. 2017.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología:** representación y comunicación – elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CARDOSO, Vilma Rodrigues. **Terminiografia da língua brasileira de sinais:** Glossário de Nutrição. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CARDOSO, Fabiano Cesar; BOTAN, Everton; FERREIRA, Mirian Raquel. **Sinalizando a física 1:** vocabulário de mecânica. Sinop: UFMT, 2010. v. 1. Disponível em: <<https://onedrive.vile.com/redir?resid=915DFE9E59D7E613%212538>>. Acesso em: 21 out. 2017.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. **Variação linguística em língua de sinais brasileira – foco no léxico.** 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília. 2011.

_____. **Projeto VARLIBRAS.** 2014. 264 f. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

COSTA, Messias Ramos. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil:** enciclobras. 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília - UNB, Brasília, 2012.

DE PAULA, Maria Helena. **Rastros de velhos falares:** léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara. 2007.

_____. **Disciplina Estudos de Léxico e Cultura.** 10 - 14 de jul de 2017. Notas de aula.

DUARTE, Anderson Simão. Empréstimos linguísticos na língua Brasileira de sinais- LSB. Linguagens em movimento. **Revista Diálogos.** Ano 1. n. 1, 2013. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/viewFile/2687/1824>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.

FAULSTICH, Enilde. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação**. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995.

_____. **Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários**. Brasília: 2001. LIV/UnB/Centro LexTerm, 2001.

_____. **Sinal-Termo**. Nota lexical. Centro Lexterm, 2014. Disponível em: <<http://www.centrolexterm.com.br/notas-lexicais>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

_____. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ISQUERDO, A. N; DAL CORNO, G. O. M. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, vol. VII. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

FELTEN, Eduardo Felipe. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história**. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERNANDES, Leandro Andrade. **Bases linguísticas e lexicográficas para a construção de um glossário bilíngue em Libras- Elis/ Português e Português/Libras-Elis**. 2018. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, Catalão, 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FERREIRA, Manuela Barros. Língua e patrimônio: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal**. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2008. p. 289-311.

FIAT. **Dicionário técnico automobilístico**. Impresso nº. 53001362. julho de 2012.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Linguística? que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FRANÇA, Aniela Improta; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. **A linguística no século XXI: convergências divergências no estudo da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2016.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 281-294, 2012.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ILARI, Rodolfo; CUNHA LIMA, Maria Luiza. Algumas ideias avulsas sobre a aquisição do léxico. In: CARVALHO, Orlene; BAGNO, Marcos (Org.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 13-35

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Becorny. **Introdução à terminologia:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia e seus objetos de investigação. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA, 10., 2008, Montevideo. **Actas...** Paris: Riterm, 2008. p. 1-8.

_____.; BEVILACQUA, Cleci Regina. A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área. **Debate terminológico**, v. 1, mar/2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/21287>>: Acesso em: 22 ago. 2017.

LUZ, Renato Dente. **Cenas surdas:** os surdos terão lugar no coração do mundo? São Paulo: Editora Parábola. 2013.

LYONS, John. Linguagem. In: _____. **Linguagem e linguística** – uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1981. p. 15-41.

MACHADO, Daiani; NUNES, Darley Goulart; TEZZA, Morgana Machado. **Glossário técnico na língua brasileira de sinais - Libras.** SENAI/DN, 2012.

MARTINS, Evandro Silva. O tratamento das lexias compostas e complexas. **Revista do GELNE**, v. 4, n. 2, p. 1-6, 2016.

MOURA, Débora Rodrigues; SILVA, Fábio de Sá. Inclusão no mercado de trabalho: um relato de experiência bem sucedido com surdos. “Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”. **Revista Pandora Brasil**, n. 24, nov. 2010.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org). **Introdução à Linguística I**. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2013. p. 11-24.

PROMETI, Daniela Ribeiro. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira**: Criação de sinais dos termos da música. Brasília, 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

QUADROS. Ronice Muller de; PIMENTA, Nelson. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. **Alfa**, São Paulo, v. 28, supl., p. 45-69, 1984. Original francês.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2008.

SERVIÇO Nacional de Aprendizagem Industrial. **Glossário de termos técnicos, equipamentos e ferramentas utilizados em eletricidade**. Departamento Nacional. Brasília, 2009.

SOUZA, Saulo Machado Melo. **Sinais lexicais dos termos cinematográficos**: A perspectiva da língua de sinais no cinema. Brasília, 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2015.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STOKOE, Willian. **Sign and Culture**: A reader for students of american sign language. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.

TUXI, Patrícia dos Santos. **A terminologia na língua de sinais brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos no meio acadêmico em glossário bilíngue. 2017. 232 f. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23754/1/2017_PatriciaTuxidosSantos.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2017.

_____. Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues – língua brasileira de sinais e língua portuguesa. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 557-588, jul-dez, 2015.

VERGARA, Sylvia. Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIGORENA, Debora Andrea; BATTISTI, Patrícia Stafusa Sala. Procedimentos de coleta de dados em trabalhos de conclusão do curso de Secretariado Executivo da Unioeste/PR. **Revista do secretariado Executivo**, Passo Fundo, p. 95-111, n. 7, 2011.

WELKER, Herbert. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: The-saurus. 2004.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Glossário de Manuscritos Goianos Setecentistas: critérios de elaboração. **Revista Eletrônica de Linguística**. Volume 05, n. 2. 2011, p. 107-119. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/13681>>. Acesso em: 20 abr. 2017.